

ANA PAULA COUTINHO MENDES

REPRESENTAÇÕES DO EXÍLIO: ENTRE REFERÊNCIA E FICÇÃO

Relatório referente à unidade curricular “Tópicos em Comparatismo”
(Curso de Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes),
apresentado no âmbito das provas para acesso ao título de agregado do
Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

2010

«Le discours de profession est toujours, d'une façon ou d'une autre, libre profession de foi; il déborde le pur savoir techno-scientifique dans l'engagement de la responsabilité. Professer, c'est s'engager en se déclarant, en se **donnant pour**, en promettant d'être ceci ou cela. (...) Ce n'est pas nécessairement ni seulement être ceci ou cela, ni même être un expert compétent, mais promettre de l'être, s'y engager sur parole. »

Jacques Derrida, *L'Université sans condition*

«Je pense à mon grand cygne, avec ses gestes fous,
Comme les exilés, ridicule et sublime,
Et rongé d'un désir sans trêve ! (...)»

Charles Baudelaire, «Le Cygne»

ÍNDICE

I. NOTAS PRELIMINARES	4
1.1.ENQUADRAMENTO LEGAL DO RELATÓRIO	5
1.2. SER DOCENTE UNIVERSITÁRIA(O)EM 2010: INQUIETAÇÕES E COMPROMISSO	6
II. «TÓPICOS EM COMPARATISMO»: ENQUADRAMENTO CURRICULAR	14
2.1. FUNDAMENTAÇÃO DE UMA ESCOLHA.....	20
2.2. OBJECTIVOS E PRINCIPAIS ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS	29
2.3.MÉTODOS DE AVALIAÇÃO	34
III. PROGRAMA: “REPRESENTAÇÕES DO EXÍLIO: ENTRE REFERÊNCIA E FICÇÃO” ..	38
3.1.APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DO PROGRAMA E BIBLIOGRAFIA	39
3.2.CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS E SUA PLANIFICAÇÃO	45
IV. REFLEXÕES FINAIS	96
V. BIBLIOGRAFIA CITADA NO RELATÓRIO	100

I. NOTAS PRELIMINARES

1.1.ENQUADRAMENTO LEGAL DO RELATÓRIO

De acordo com o Decreto-Lei nº 239/2007, de 19 de Junho, que regulamenta o concurso para provas de Agregação, designadamente com o estipulado no seu artigo 5º, alínea b, o presente relatório refere-se a um Programa de ***Tópicos em Comparatismo*** que constitui uma das unidades curriculares do **Mestrado de 2º Ciclo em Estudos Literários, Culturais e Interartes**, no seu Ramo de **Estudos Comparatistas e Relações Interculturais**, legalmente reconhecido pelo *Diário da República* , 2ª Série, nº 39, de 23 de Fevereiro de 2007 e alterado na sua estrutura curricular por despacho reitoral de 23 de Abril de 2009, publicado no *Diário da República* , 2ª Série, nº 131, de 9 de Julho de 2009.

1.2. SER DOCENTE UNIVERSITÁRIA(O) EM 2010: INQUIETAÇÕES E COMPROMISSO

A par do requisito legal, ou melhor, a montante dessa circunstância e para que esta candidatura a Provas de Agregação represente, de facto, um marco impregnado de balanço e de projecção no meu percurso profissional, sinto absoluta necessidade de caracterizar o lugar ou condições enunciativas de que parto para a exposição do meu projecto científico-pedagógico.

Em rigor, apresentarei aqui uma das vertentes desse projecto, uma vez que nos dias de hoje, a actividade de um docente universitário nunca ou muito raramente se pauta pela leccionação de uma só disciplina; antes pelo contrário, pressupõe uma grande abrangência lectiva, além de prever também a participação num ou mais projectos de investigação científica. Ao explicitar esta primeira condição, estou já a esboçar uma das exigências do actual ensino universitário, cujos contornos gostaria de preliminarmente abordar, sob a forma de uma breve reflexão em torno das inquietações e do compromisso de uma docente universitária em Portugal, num momento histórico bem preciso, com as suas vicissitudes e desafios, e a coincidir aliás com a data-limite de integração plena da Universidade portuguesa na chamada “Área Europeia de Ensino Superior”.

Desde o ano lectivo 2007-2008 que a Faculdade de Letras, a cujo corpo docente pertenço e onde lecciono em exclusividade, adoptou novos *curricula* e novos modos de funcionamento, tendo em vista a referida integração que visa promover a coesão europeia (também) a nível do ensino superior. Foi assim implementado o quadro formal para que a prestação de serviço docente passasse a ter em consideração “os princípios informadores do Processo de Bolonha/Praga”, tal como já surge estipulado no novo “Estatuto da Carreira Docente Universitária” (artigo 6º, ponto 1, alínea d)), recentemente aprovado e publicado em *Diário da República* (Cf. DR 1.ª série, N.º 168-31 de Agosto de 2009). Desse enquadramento formal fazem parte a divisão do ensino

em 3 ciclos (Licenciatura, Mestrado e Doutoramento), a redução das Licenciaturas a 6 semestres lectivos (a semestralização na FLUP fora já introduzida numa reestruturação curricular em 2001) e a adopção de um regime de ensino que contempla o trabalho autónomo do estudante, com base na orientação tutorial do docente. Paralelamente, é também entendido que o contacto lectivo com os estudantes não deverá significar ou limitar-se a uma simples transmissão tradicional dos conhecimentos, mas antes pressupor estratégias que os envolvam cada vez mais no próprio processo de aprendizagem.

Escusado será dizer que essas alterações de organização curricular, de pressupostos formativos e de metalinguagem trouxeram várias modificações ao dia-a-dia da Universidade, onde a maior parte dos intervenientes tem vivido algo desorientada pelas alterações processuais, pelos variados requisitos de ordem burocrática, e se tem mostrado constrangida, quando não mesmo angustiada, pelas mudanças a nível do entendimento social e institucional da natureza e das funções do ensino superior, e da Universidade em particular no mundo contemporâneo.

Por outro lado ainda, se este período de transição de paradigma de ensino e de práticas tanto pedagógicas como de organização e gestão era já naturalmente exigente, ele viria a ressentir-se ainda substancialmente da crise económica e social que tem afectado, nos últimos tempos, todos os sectores de actividade, tanto em Portugal como no estrangeiro. Sabemos bem como a Universidade não é completamente imune, nem nunca poderá ser, ao quadro socioeconómico e cultural que a rodeia, sendo por isso natural que nela se estejam a repercutir, de modo indelével, as instabilidades e mudanças no domínio da sociedade e da economia, encimadas pela “crise”, verdadeiro epítome da actualidade nacional e internacional.

No entanto, e se bem que não haja lugar para factores completamente estanques entre si, é sobretudo a crise interna à própria instituição da Universidade que me interessa aqui acentuar, no que isso significa de (auto)questionação da sua identidade e funções intelectuais, de abalo na sua autonomia, legitimação e relevância sociais. Essas incertezas não raro transformadas em soluções rápidas de adaptação e deriva por tentativa mais ou menos desesperada de sobrevivência da(s) própria(s)

instituição(ões), vieram adensar uma crise mais antiga que tem a ver com a articulação entre, por um lado, a Universidade, e, por outro lado, a massificação do ensino e a cultura de massas, uma questão para que Michel de Certeau já oportunamente apontava no início da última década de 70 (Certeau, 1993 : 85-103), e que tem marcado também a reflexão e o diagnóstico que, entre nós, Boaventura Sousa Santos tem desenvolvido sobre a instituição universitária em geral e a Universidade portuguesa, em particular.

Das três crises (crise de hegemonia, crise de legitimidade e crise institucional), apontadas pelo autor de “Da ideia de universidade à universidade de ideias” (Santos, 1994) e lembradas mais recentemente em *A Universidade do Século XXI: Para uma Universidade Nova* (Santos/Filho, 2008), parece-me particularmente grave a primeira, uma vez que se prende com vários problemas estruturais (de proliferação e de segmentação) a nível da rede de ensino superior em Portugal, que acabam por contribuir para a desorganização e inflação de oferta de cursos, para a mutabilidade e não fragilidade de alguns projectos pedagógico-científicos e consequente desvalorização dos diplomas universitários, sem esquecer outros fenómenos paralelos, como a desmotivação e a instabilidade profissional dos docentes.

A esta verdadeira cadeia de circunstancialismos críticos com que se debate o actual ensino universitário, falta acrescentar um elo que diz respeito à situação das chamadas Humanidades, vasta área a que está concretamente associada a minha condição de docente. No quadro da actual Universidade que vive em grande medida condicionada pelo pragmatismo da rentabilidade imediata, quando não mesmo da rígida sobrevivência a curto prazo, sem grande espaço de manobra para se repensar e inovar de forma consistente e sustentada, onde os critérios de qualidade e de pertinência se regem sobretudo pelo número de alunos e de prestação de serviços (leia-se, num caso e no outro, pelo determinante volume de propinas a que correspondem); onde o discurso cultural vem sendo substituído pelo discurso da excelência, tendencial ou invariavelmente associado a desenvolvimento científico e tecnológico, as Humanidades parecem estar particularmente condenadas a desempenhar um papel que alterna entre “o serviço ao consumidor” e uma “espécie de maquilhagem cultural” (Readings, 2003: 183). Um papel por demais frágil, como é

fácil de entender, porquanto descartável a qualquer momento, desde que vagamente considerado ou estatisticamente avaliado como um mero acessório, de reduzido impacto social ou de escasso valor económico.

No caso específico das áreas ligadas à Literatura, elas vêem-se muitas vezes impotentes e desorientadas perante uma série de circunstâncias que, além de as afectarem, ultrapassam completamente aquela que é por assim dizer uma crise endémica dos Estudos Literários, bem assim como os eventuais problemas de organização curricular a nível dos Departamentos e Faculdades em que se inserem: a depreciação ou guetização do ensino da Literatura (a montante e a jusante da própria Universidade); a questionação social de uma certa ideia de Literatura e de alguns dos seus quadros de legitimação; a sua desadequação ao clima de obsessão pelo índice de empregabilidade como critério central da justificação e avaliação dos cursos universitários; a rapidez, a fragmentação e a uniformização do ensino; a desvalorização de uma formação curricular verdadeiramente multilingue e pluricultural; a ausência de espaço/tempo curriculares para uma *Bildung* pedagógica que lhes é mais adequada, se não mesmo fundamental, porque capaz de aliar ao conhecimento, um processo reflexivo e uma formação subjectiva centrados na “construção partilhada ou partilhável de possíveis verbais e de mundos possíveis” (Gusmão, 2000:20).

Apesar de os princípios do Processo de Bolonha/Praga apontarem inequivocamente para uma formação de “banda larga” a nível do 1º ciclo, o que deveria pressupor cursos que contemplassem áreas científicas não só abrangentes como estruturantes para a formação integral do indivíduo, um entendimento demasiado estreito de “empregabilidade”, quase sempre confundido com “utilitarismo” ou com uma “aplicabilidade imediata”, a par de um tecido social manifestamente limitado em termos de compreensão e de integração da componente formativa e estratégica das áreas culturais, têm menorizado e colocado em risco a formação universitária nos domínios da Literatura e da Cultura. O número de estudantes decresceu drasticamente, tendo entretanto sido criadas algumas alternativas nos domínios das Línguas e da Comunicação, onde uma ou outra disciplina da área literária surge quase sempre como uma possibilidade meramente residual.

Por outro lado ainda, o público e as expectativas em relação aos Mestrados, ou agora designados Cursos de 2º Ciclo, têm vindo a alterar-se nos últimos anos. Além do número de candidatos no campo da Literatura ter vindo proporcionalmente a decrescer, mais uma vez em grande medida por falta de reconhecimento social da pertinência das especializações a nível das áreas literárias, longe vão os tempos em que esses Mestrados eram antes de mais frequentados por quem estava no início da carreira universitária ou que a ela ansiava, ou por professores do ensino secundário empenhados em progredir na sua própria carreira docente, ao mesmo tempo que procuravam valorizar-se intelectualmente num domínio que lhes interessava tanto do ponto de vista pessoal como profissional. Actualmente, quem procura cursos de Mestrado nas áreas literárias e/ou culturais são ou recém-licenciados (segundo o novo regime de três anos lectivos), em busca de um complemento de formação e, simultaneamente, em compasso de espera de um primeiro emprego, ou professores que insistem num aprofundamento de formação nestas matérias, mau grado os requisitos de progressão de carreira que, em princípio, os direccionam para (ou obrigam a) outros cursos de pós-graduação ou, ainda excepcionalmente, indivíduos vindos das mais diversas áreas, em demanda de realização e valorização pessoais ou de uma reconversão do seu percurso formativo. Como facilmente se depreenderá, sobram destas circunstâncias desafios e dificuldades acrescidas para o docente que tem de lidar com expectativas e “backgrounds” muito distintos, de molde a adaptar-se (por vezes através de desdobramentos múltiplos em ritmos acelerados) a novos enquadramentos sociais, procurando ao mesmo tempo, e numa espécie de tentativa de quadratura do círculo, não descurar nem desvirtuar a especificidade e as exigências daquelas que são a sua formação científica e a(s) sua(s) área(s) de investigação.

No entanto, se há alguma ilação a retirar do quadro de questões (e inquietações) aqui brevemente exposto, ela pode resumir-se, a meu ver, à ideia de exigência, subjacente sempre a qualquer crise, e que urge ser aplicada quer na avaliação de cada umas das situações, quer na criação de quaisquer alternativas ou focos de mudança. É verdade que os problemas que assolam a Universidade em geral, e a condição de docente universitário em particular, podem conduzir ao desencanto mais ou menos cínico, ao laxismo mais ou menos indiferente, ao oportunismo mais ou

menos perverso, ao voluntarismo mais ou menos inconsequente ou à resistência consciente e razoavelmente entusiasmada, chame-se-lhe resiliência, em nome daquilo que tanto a Universidade como a Literatura, enquanto realidades eminentemente históricas, ainda podem vir a ser, e serão certamente, a partir de um presente de transformações.

No momento em que decido expor-me a uma nova avaliação enquanto docente e investigadora da Universidade portuguesa, e concretamente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, só por equívoco ou por uma espécie de fraude, antes de mais para comigo própria enquanto pessoa, profissional e cidadã, poderia identificar-me com qualquer outra posição que não a última referida, em que a exigência e a resistência se implicam mutuamente.

Assim sendo, julgo que é meu dever primeiro não iludir os problemas existentes, e por conseguinte, não conceber qualquer discurso nem qualquer projecto científico-pedagógico que ignore completamente as interpelações que a sociedade contemporânea coloca ao ensino universitário, à ciência e, concretamente, à principal área científica em que me movo. Não que comungue minimamente daquela que pode constituir uma mera mercantilização da Universidade ao serviço directo das mais variadas agendas políticas ou económicas, desvirtuando aqueles que são o seu dever e possibilidade de manter uma autonomia consistente de busca incessante do conhecimento nas mais variadas áreas. Todavia, parece-me de facto importante pensar nessa autonomia não como um absoluto, mas como uma condição na relação com o que extravasa da própria Universidade, pelo que concordo que estamos a viver as dificuldades da passagem de uma óptica de “conhecimento universitário” para um “conhecimento pluriversitário” (Santos, 2008:34), ou seja, um conhecimento que tem em conta a interpelação da sociedade à ciência, sendo que o grande desafio está em ir equilibrando aqueles dois modelos extremados. A consciência deste momento particularmente crítico, porque de questionação e de mudança, leva a que não me deixe exaltar por nenhuma perspectiva completamente irrealista ou idealista (no sentido de refúgio em propostas absolutas, a-históricas), nem tão-pouco vencer por aquelas circunstâncias do dia-a-dia de um professor universitário, por vezes mais perturbadoras do que motivadoras.

O relatório que aqui apresento resulta não apenas da experiência acumulada ao longo de vinte e três anos como docente e investigadora universitária, como também, e em grande medida, de uma reflexão mais recente e direccionada, por força das contingências que entendi dever lembrar aqui, não para me associar à já muito longa jeremiada sobre a situação da Universidade e dos Estudos literários (não só em Portugal, deve reconhecer-se), mas para definir o lugar de referência das minhas próprias enunciação e *praxis* docente.

Depois de me ter durante bastante tempo interrogado (como outros e com outros) sobre o(s) modo(s) como tem sido encarado e praticado o ensino da Literatura; sobre o seu enquadramento curricular e sobre a legitimidade e o sentido desta área científica para a formação do indivíduo e para o seu modo de estar e intervir na sociedade, é com afincada convicção que apresento e defendo para a Universidade actual um projecto pedagógico firmado no ensino relacional da Literatura, encarando esta no seu sentido histórico e plural como um modo de conhecimento e de (re)figuração do mundo, em articulação com outros discursos sociais e artísticos.

Mais do que uma simples atitude tautológica de defesa dos direitos adquiridos de uma área científica, trata-se de lembrar que a Universidade tem a responsabilidade social de não alienar dos seus propósitos a preservação de uma vertente milenar da actividade humana, cabendo-lhe por isso o estudo e a divulgação do património literário e cultural (nacional mas não só). Mais ainda: trata-se também de ter em conta que continua a ser importante e estratégico educar leitores capazes de compreender em amplitude e profundidade os mais variados textos literários, os seus recursos retóricos, estilísticos e as suas visões do mundo; capazes de entender as condições epistemológicas de qualquer conhecimento disciplinar a partir da própria experiência “efabuladora” da análise literária (Citton, 2007); capazes de pensar a partir da Literatura, ou seja, de reflectir, de problematizar e de conceptualizar as relações não só entre os textos, como entre estes e as diferentes realidades humanas e práticas sociais; capazes ainda de realizar análises autónomas e coerentes que traduzam um desenvolvimento tanto das capacidades linguísticas como da sensibilidade cultural e artística.

Em suma, tanto em nome do passado como em prol do futuro, qualquer que venha a ser o seu modelo universitário, continuarei a resistir na defesa da legitimidade e da pertinência formativa na área da Literatura, bem assim como de todas as Artes (aliás, à imagem das formas históricas de resistência intrínsecas a estas manifestações simbólicas), não só por constituírem domínios que fazem parte “do enriquecimento intelectual e moral dos cidadãos e da comunidade do seu todo”, que continua a ser reconhecidamente um dos objectivos da Universidade (Crespo, 2003:43), como também pelo facto de nela(s), e a partir dela(s), se concretizarem dimensões fundamentais do “pensamento complexo”, tal como Edgar Morin o concebeu, sustentado nos princípios de distinção, de conjunção e de implicação (Morin, 2005:104), sem os quais são as próprias virtualidades da humanidade do Homem a ficarem coarctadas. E saber que uma Presidente, responsável máxima pela mais conceituada instituição universitária americana, se não mesmo do Mundo, partilha desta visão para o sentido e a função que atribui à Universidade, não deixa de me (/nos) animar e de me (/nos) responsabilizar na garantia destes princípios estruturantes para a instituição em que estou inserida e para a qual trabalho:

“A university is not about results in the next quarter; it is not even about who a student has become by graduation. It is about learning that molds a lifetime, learning that transmits the heritage of millennia; learning that shapes the future. A university looks both backwards and forwards in ways that must – that even ought to – conflict with a public’s immediate concerns or demands. Universities make commitments to the timeless, and these investments have yields we cannot predict and often cannot measure. Universities are stewards of living tradition – in Widener and Houghton and our 88 other libraries, in the Fogg and the Peabody, in our departments of classics, of history and of literature. We are uncomfortable with efforts to justify these endeavors by defining them as instrumental, as measurably useful to particular contemporary needs. Instead we pursue them in part “for their own sake,” because they define what has over centuries made us human, not because they can enhance our global competitiveness.” (FAUST, 2007).

II. «TÓPICOS em COMPARATISMO»: ENQUADRAMENTO CURRICULAR

A disciplina “Tópicos em Comparatismo”, para a qual aqui proponho um programa, integra o plano curricular do «Curso de Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes» (MELCI), que representa actualmente a única formação a nível de 2º ciclo, nos domínios da Literatura e da Cultura reunidos no Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos. Este Curso resultou de uma adequação, levada a cabo no ano lectivo de 2007-08, de alguns dos Mestrados já existentes (como é o caso do «Mestrado em Literatura e Cultura Comparadas») aos princípios e práticas consignados na *Declaração de Bolonha*, designadamente à obrigatoriedade de atribuição de ECTS (*European Credit Transfer and Accumulation System*) a todas as unidades curriculares, assim como à adopção de uma formação por ciclos, sendo que este Mestrado passou a suceder a uma licenciatura abreviada de seis semestres.

O referido modo de creditação tornou indispensável repensar o tipo de trabalho pedagógico levado a cabo no curso de Mestrado, fazendo-o extravasar em muito das aulas lectivas que, por sua vez, não devem cingir-se à exposição dos conteúdos por parte do professor. Pressupõe-se, com efeito, uma maior participação dos estudantes no processo de aprendizagem e na realização de trabalhos autónomos, a par de dinâmicas de orientação tutorial. O novo enquadramento curricular e lectivo supõe igualmente que a actividade docente, pelo menos a nível das pós-graduações (cursos de 2º e 3º ciclo), se articule de algum modo com o trabalho e os projectos levados a cabo no âmbito das unidades de investigação a que os diferentes docentes deverão, em princípio, estar associados.

O Regulamento do Curso em questão, aprovado pela Deliberação nº 333/2007 da Universidade do Porto e publicado no *Diário da República* (2.ª série—N.º 39—23 de Fevereiro de 2007) prevê a existência de várias áreas científicas como «Literatura», «Estudos Culturais», «Estudos Clássicos», «Crítica Literária» e «Literatura Comparada», organizadas por sua vez em dois grandes ramos: «Estudos Românicos e Clássicos» e «Estudos Comparatistas e Relações Interculturais». É justamente como unidade curricular opcional deste último ramo que surge a disciplina “Tópicos em Comparatismo”(DR, 2.ª série — N.º 131 — 9 de Julho de 2009), a par das outras

unidades curriculares previstas na área dos Estudos Comparatistas e Relações Interculturais, que cabe ao Conselho Científico do Curso escolher anualmente, tendo em conta quer uma estratégia científica determinada, quer a disponibilidade de docentes para as leccionar: «Literatura Comparada: Questões e Perspectivas»; «Poéticas Comparadas»; «Literatura de Viagens»; «Teatro e Teatralidade»; «Tradução e Cultura»; «O Policial na Literatura e no Cinema»; «Mitos nas Culturas Europeias»; «Estudos Interartes»; «Estudos Pós-Coloniais»; «Estudos Feministas e Estudos Queer».

Não existindo, até à data¹, disciplinas consideradas obrigatórias no ramo de «Estudos Comparatistas e Relações Interculturais», cabe ao estudante escolher, ainda que desejavelmente orientado pelo Conselho Científico do Curso, no mínimo seis unidades curriculares, dentre as anteriormente citadas e que se encontrem em funcionamento. A aprovação nessas seis unidades conferir-lhe-á os 36 ECTS obrigatórios para a especialização no ramo em causa, sendo que para os restantes 24 ECTS da carga lectiva anual, o estudante poderá optar por obtê-los mediante a aprovação em disciplinas no domínio dos estudos comparatistas, em qualquer outro ramo do Mestrado, ou em ainda em qualquer unidade curricular de um Curso de 2º ciclo existente na Universidade do Porto.

A propósito da vertente opcional no interior da orgânica do «Curso de Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes», cumpre assinalar que na sua génese esteve justamente a preocupação de incutir variedade e flexibilidade ao percurso do ano lectivo, tendo em vista colmatar várias lacunas de formação a nível dos Cursos de 1º ciclo e proporcionar um considerável leque de escolhas, através de unidades curriculares opcionais e transversais que significassem uma abertura de horizontes e/ou de aprofundamento para os estudantes. Por outro lado, qualquer unidade curricular do Curso e das suas áreas específicas pode funcionar como disciplina opcional para outros cursos da Faculdade de Letras, quando não mesmo da Universidade do Porto.

¹ A experiência de dois anos lectivos já completos com este modo de organização não é ainda suficientemente longa para grandes ilações ou conclusões. Parece-me, todavia, suficiente para conceber que uma disciplina como “Literatura Comparada: Questões e Perspectivas” deva ser considerada como obrigatória, na medida em que proporciona instrumentos teóricos, metodológicos e de problematização transversal, fundamentais para os estudantes que optam por fazer o seu percurso lectivo de mestrado alicerçado em torno dos «Estudos Comparatistas e Relações Interculturais».

Em termos legais, e por razões que têm mais a ver com a gestão de recursos humanos, a generalidade das disciplinas do «Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes» não surge obrigatoriamente indexada a qualquer dos semestres do primeiro ano do Curso. Por conseguinte, em teoria, uma disciplina como «Tópicos em Comparatismo» pode funcionar em qualquer um deles, se bem que consoante o seu programa, possa haver vantagens em ser ministrada especificamente no 1º ou no 2º semestre. Lembre-se que, no actual regime de licenciatura em três anos, e mais concretamente, em 6 semestres (o que parecendo ser sinónimo, não o é, já que a semestralização torna o currículo mais fragmentado e concentrado em unidades mais exigentes do ponto de vista da sua conceptualização e prática, e muito mais limitadas no seu âmbito e nos seus objectivos), os estudantes tiveram no máximo (e apenas no caso do curso de Línguas, Literaturas e Culturas e de algumas das suas variantes), 16 disciplinas semestrais de Literatura e/ou Cultura (+ 2 de Metodologia Literária). No que diz especial respeito à área científica da Literatura Comparada, esta começou a surgir recentemente e apenas como disciplina semestral optativa, entre muitas outras, para os estudantes dos cursos de «Línguas, Literaturas e Culturas» (nalgumas das suas variantes), de «Línguas e Relações Internacionais» e «de Línguas Aplicadas – ramo de Tradução»².

Em face desses antecedentes a nível do 1º ciclo, e tendo também em conta, por outro lado, que é actualmente possível e até incentivado, em nome da interdisciplinaridade e do redireccionamento de formação a nível do 2º e 3º ciclos, realizar um Mestrado numa determinada área distinta daquela que foi a área da Licenciatura, os estudantes do «Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes» apresentam, em geral, uma formação bastante débil no que diz respeito aos domínios literário, cultural e artístico. Estas são razões bastantes para que considere preferível que uma disciplina como «Tópicos em Comparatismo» funcione no 2º semestre, depois de um primeiro contacto com algumas matérias, metalinguagens e *corpora* de estudo que terão ambientado o aluno nos objectivos, tipos de questões, formas de investigação e análise no domínio dos estudos literários,

² À parte o facto de ser possível escolher qualquer disciplina da FLUP como unidade curricular de opção livre ou de inscrição individual. Trata-se, contudo, de uma prática infelizmente ainda pouco habitual, quer entre os estudantes da Faculdade de Letras, quer entre o público em geral.

em geral, e do comparatismo, em particular³. É nesse sentido que o programa que aqui apresento, supõe ser ministrado no 2º semestre, proporcionando assim algumas articulações de conteúdo a que me referirei adiante, aquando da fundamentação da sua escolha.

Por fim, impõe-se sublinhar a especificidade de uma disciplina como “Tópicos em Comparatismo” na orgânica curricular dos “Estudos Comparatistas e Relações Interculturais” e, de forma mais alargada, num «Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes». Não fosse o paradoxo, diria que a sua especificidade reside no facto de não ser específica, querendo com isso dizer que se trata de uma disciplina cuja designação abrangente, sem quaisquer especificações temporais, genológicas ou estéticas, deixa em aberto a possibilidade a um largo espectro de abordagens e conteúdos. A única condição para que aponta o intitulado da disciplina é que nela seja desenvolvido um programa centrado numa problemática, num tema ou em determinados tópicos que se enquadrem nas áreas de investigação comparatista, ou seja, problemáticas que convoquem uma análise relacional entre textos literários ou não especificamente literários (poderão estar em causa sobretudo outros textos semióticos como o cinematográfico, o pictórico ou o dramatúrgico), e entre aqueles e outros discursos sociais ou ramos do conhecimento, numa perspectiva sincrónica ou diacrónica, internacional ou transnacional. Daqui resulta que, no conjunto das unidades curriculares de natureza comparatista do referido curso de 2º ciclo, “Tópicos em Comparatismo” é das disciplinas que mais se presta a propor um programa transversal e variável, de acordo com o docente que a leccione, e capaz de ir ao encontro de estudantes das mais variadas áreas. Simultaneamente, pode representar o módulo lectivo mais adequado a um programa “temático” que se insira numa determinada linha de investigação em curso no âmbito do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, tanto mais que alguns dos seus investigadores, e

³ A questão da bagagem literária e crítica dos estudantes que ingressam no 2º ciclo é cada vez mais complexa. Apesar dos propósitos (meritórios) de transversalidade e de reconfiguração de percursos que visam promover o desenvolvimento de formações científicas cruzadas, não se pode escamotear que esta nova situação arrasta consigo vários e exigentes problemas, tanto para os estudantes como para o docente. Assim, deixou de se poder pressupor que, a nível de uma pós-graduação, os estudantes estão já na posse de conhecimentos histórico-literários e de instrumentos críticos e teóricos considerados básicos, pelo que cabe aos diferentes docentes tentar colmatar essas lacunas, à medida do perfil de estudantes com que, cada semestre/ano, têm de trabalhar.

simultaneamente docentes dos três departamentos de Línguas e Literaturas da FLUP, são aqueles que têm assegurado, desde o início, a docência na área comparatística a nível da pós-graduação.

Mau grado o declínio ou anátema que atingiu a tematologia, sobretudo entre os anos 50 e finais dos anos 80, a verdade é que ao longo dos últimos vinte anos, se têm tornado a desenvolver as abordagens temáticas (mesmo se não declaradas como tal⁴), e que se enquadram em áreas de estudo interdisciplinares e emergentes (como é o caso dos Estudos de Género, dos Estudos Étnicos, Estudos Pós-coloniais, Estudos da Diáspora, entre tantos outros). No âmbito dos “Tópicos em Comparatismo” cabe contemplar, por conseguinte, esse tipo de abordagens concentradas num determinado núcleo semântico ou formal, que além de definirem um *tertium comparationis* e de estabelecerem um *corpus* de estudo, desenvolvem uma reflexão e uma análise atentas a fenómenos de permanência e de variação, que podem contribuir para captar e relacionar as virtualidades e diferentes irradiações do tema, forma ou tópicos de partida.

⁴ Vd. Sollors, 1993: xiii-xiv.

2.1. FUNDAMENTAÇÃO DE UMA ESCOLHA

Face ao enquadramento curricular anteriormente apresentado, optei por elaborar um programa centrado na temática do exílio, a que dou o título geral “Representações do exílio: entre referência e ficção”. As razões que presidiram à escolha deste programa e deste tema, entendido no sentido de uma problemática indagadora e transdisciplinar, radicam em circunstâncias de ordem pessoal e institucional. No cruzamento de ambas, encontra-se a especificidade da docência a nível de cursos de 2º ciclo que, em princípio, e como já atrás sublinhei, pressupõe a articulação entre investigação e docência, nem sempre possível a nível dos cursos de licenciatura, onde intervêm múltiplos factores e circunstancialismos que acabam por dificultar, quando não mesmo por inviabilizar, a existência de programas directamente relacionados com as principais áreas de investigação dos docentes.

Tendo eu apresentado a esta mesma Faculdade de Letras, aquando do concurso para Professora Associada do seu Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, um relatório que incidiu na minha prática lectiva a nível da licenciatura, na área de Literatura Francesa a que tenho estado ligada desde o início da minha actividade docente e à qual me fui também dedicando em termos de investigação, entendi que deveria agora dar conta do meu trabalho científico-pedagógico a nível do 2º ciclo e, especificamente, na área científica (Literatura Comparada) em que me doutorei. Já o ter decidido apresentar um programa que ainda não foi posto em prática prende-se ao facto de, até agora, ter sido sempre levada a leccionar, por questões de distribuição de serviço, seminários propedêuticos, de enquadramento histórico, teórico e metodológico da Literatura Comparada⁵. Mas, além disso, devo reconhecer que esta minha opção decorre também de um desafio

⁵Além desses seminários introdutórios (“Literatura Comparada I” e “Literatura Comparada: questões e perspectivas”), leccionei apenas um semestre a disciplina “Multiculturalismo e Práticas Interculturais” que, entretanto, foi substituída por “Tópicos em Comparatismo” na lista de disciplinas constantes do ramo “Estudos Comparatistas e Relações Interculturais”. Antes, tinha colaborado num outro Mestrado (Curso Integrado de Estudos Pós Graduados em Literaturas Românicas), com um seminário também de índole comparatista: “Poéticas e Poesias (portuguesa e francesa) do século XX”.

muito preciso que impus a mim mesma: transformar o requisito legal que estas provas académicas fixam de apresentação de um relatório de programa lectivo numa oportunidade para criar um programa inédito. Julgo assim estar a corresponder, de forma especialmente adequada, à actividade científico-pedagógica do docente universitário que supõe, de modo cada vez mais premente ou regular, a elaboração de *novos* programas de ensino, adaptados ou adaptáveis a diferentes estruturas curriculares.

Devo fazer notar que o programa proposto está relacionado com as pesquisas que, enquanto investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, tenho levado a cabo nos últimos anos, em geral sobre a “deslocação”, e em particular sobre as repercussões literárias das migrações, da diáspora e do exílio. Não se trata, todavia, de uma articulação por mera conveniência pessoal. Cumpre, com efeito, lembrar que, por um lado, a Universidade tem de impor-se e renovar-se cientificamente, em especial a nível dos 2º e 3º Ciclos⁶, e que, por outro, o contexto de um novo paradigma de ensino-aprendizagem implica que o professor se assuma, cada vez mais, não apenas como um transmissor de conteúdos há muito científica e institucionalmente ratificados, mas também como um investigador, ou seja, como alguém que deixa transparecer na sua actividade lectiva uma efectiva atitude de pesquisa. Isso significa tornar manifesta uma atitude própria de quem procura, com exigência e rigor, novos trilhos do conhecimento; de quem se esforça integrá-los no contexto lectivo e de quem se propõe envolver os estudantes na aplicação e alargamento das investigações.

Mas, se é verdade que essa articulação de papéis, no quadro das funções que lhe cabe desempenhar no seio da Universidade, se revela como bastante importante para o docente, nem por isso sou da opinião que os projectos de investigação individual possam ou devam sobrepor-se aos objectivos do plano científico e pedagógico de um determinado curso e da instituição em que ele se insere. Não creio que as universidades nem os seus cursos devam resultar da simples soma de

⁶ “In many ways, it is at the second cycle level that institutions are becoming most innovative and creative, and the rise of new types of master programmes should therefore be seen as a basis on which to build specific institutional strengths in Europe.” (Crosier et alii, 2006:26)

investigações particulares, ou da imediata agregação de projectos individuais, por mais excelentes que uns e outras possam ser. Pelo contrário, parece-me fundamental existir um plano definido e uma estratégia global, com objectivos científicos e pedagógicos transversais, para os quais deverão concorrer os diferentes docentes-investigadores com trabalhos específicos, realizados no âmbito das suas especializações ou das suas áreas de pesquisa privilegiadas. Por isso mesmo, o programa que apresento em torno do exílio não se limita a recuperar uma linha de investigação que tenho abraçado no seio das actividades do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, mas está também pensado no sentido de potenciar articulações com outras unidades curriculares do curso e ramo em que se insere, em particular com disciplinas como “Literatura de Viagens”, “Literatura Comparada: questões e perspectivas”, “Estudos Culturais” ou “Estudos Pós-Coloniais”.

É certo que não estamos perante uma pós-graduação inteiramente consagrada à problemática da “deslocação”, nas suas diferentes facetas, ou da “iterologia”, para lembrar aqui a proposta abrangente de Michel Butor (Butor, 1974:13), mas o facto de poder retomar algumas questões e apetrechos críticos tendencialmente comuns às unidades curriculares atrás referidas apresenta como principal vantagem quer para os estudantes, quer para o conjunto de conhecimento científico desenvolvido numa dada instituição, a possibilidade de aprofundar conhecimentos; de abordar fenómenos colaterais, se não mesmo interdependentes; e mesmo de realizar trabalhos comuns ou em rede, que convocam matérias de mais do que uma disciplina, minorando assim a dispersão que poderão à partida sentir os estudantes, quando confrontados com uma grande variedade de programas, de abordagens críticas e de *corpora* de análise.

A escolha de um programa de âmbito comparatista centrado no exílio poderia, desde logo, justificar-se pelo facto de, ao longo da sua existência secular, a própria Literatura Comparada ter estado sempre intimamente ligada a diferentes migrações e exílios (Steiner, 1995; Guillén, 1995, 1998), e se ter sempre apoiado (e continuar a apoiar-se) numa “consciência exílica” (Apter, 1995:94), numa “disciplina da distância e da diferença” (Damrosch, 2003: 300). Trata-se de uma associação que não significa apenas uma mera coincidência, fruto de circunstancialismos vários dos seus promotores, pelo menos durante grande parte do século passado, mas que ainda

assim não constituiria, por si só, razão suficiente para justificar a legitimidade e pertinência deste programa. Deverá portanto fazer-se notar a ligação fundamental do exílio à cultura moderna (Said, 2001:179), em especial no que ela expandiu a partir das teorizações do estranhamento e da alienação, assim como o facto de o exílio constituir um dos maiores fenómenos históricos (se não mesmo o maior) do século XX, com modalidades e efeitos que se perpetuam neste século. De referir também que a temática exílica interage com algumas questões estratégicas para as problemáticas identitárias, numa perspectiva tanto pessoal como colectiva e cultural (Suleiman, 1998: 2), em torno das quais se têm concentrado diferentes áreas do pensamento contemporâneo.

Nos últimos anos, temos assistido ao desenvolvimento exponencial de estudos em torno das viagens, das migrações, da diáspora e do exílio⁷, o que torna evidente que a crítica tem procurado acompanhar as questões levantadas pela mundialização dos fluxos migratórios, exponenciados a partir do século passado, e responder assim aos desafios que a “deslocação” e a “desterritorialização” representam pelo facto de se terem tornado das experiências mais formativas no mundo contemporâneo (Bammer, 1994: xi). No contexto de uma formação em “Estudos comparatistas e relações interculturais”, onde são expressamente privilegiados os fenómenos literários e culturais dos séculos XX e XXI, parece-me por isso ser de toda a oportunidade que haja um programa a debruçar-se sobre as representações simbólicas do exílio, privilegiando as suas manifestações literárias, mas sem esquecer, e consoante a oportunidade, outras áreas artísticas, tais como o cinema ou a fotografia, por exemplo.

As questões relacionadas com os contextos migratórios e com o exílio têm sido contempladas sobretudo no âmbito da Sociologia, da História, da Antropologia ou ainda da Psicologia. No entanto, aqueles são fenómenos complexos, poliédricos, que estão longe de poderem ficar confinados a análises seja de natureza social, seja política ou económica. Importa, pois, considerar igualmente as suas vertentes culturais, e especificamente artísticas, que costumam ser aliás aquelas onde melhor se

⁷ Mesmo se o tema do exílio não tem merecido tanto interesse quanto o das viagens, a verdade é que começa a ser cada vez mais equacionado, inclusive no domínio das literaturas antigas (vd. Gaertner, 2007).

condensa e perpetua a complexidade dos factores emocionais e socioculturais envolvidos pelas deslocações, voluntárias ou forçadas, breves ou prolongadas.

Ora, no actual quadro de propostas curriculares da Faculdade de Letras do Porto não existe em nenhuma das diferentes áreas científicas (Filosofia, História, Literatura, Sociologia) qualquer programa que incida sobre a realidade ou a problemática do exílio, o que contribuiu também para que tivesse considerado importante colmatar esse vazio, propondo um programa na área da “Literatura Comparada”, entendida expressamente como “espaço reflexivo privilegiado para a tomada de consciência do carácter histórico, teórico e cultural do fenómeno literário” (Buescu, 2001: 14), e relacionada aqui especificamente com outro fenómeno, também ele poliédrico – o exílio.

Tendo moldado muito do século XX, o exílio não se encontra esgotado, quer pelas suas consequências perenes, quer pelos contextos políticos e sociais que continuam a provocá-lo em várias latitudes e quadrantes, quer pela sua ligação à questão cada vez mais premente da mobilidade e da desterritorialização dos indivíduos no mundo actual (Bremond, 1993:58). Acresce que a temática exílica, além de convocar uma conexão regular ente textos e contextos e uma interacção de conhecimentos, arrasta consigo uma carga existencial muito forte que apela à reflexão ética e política *lato sensu*. Ficam assim criadas condições para “o ensino de formas de interacção sociodiscursiva, a propósito dos textos” que, tal como Helena Carvalhão Buescu (1999:74), entendo que devem fazer parte do trabalho do professor, de modo a integrarem efectivamente tanto a vida daquele como a dos seus alunos, num processo de construção e consolidação da humanidade de uns e de outros.

Se um programa lectivo na área da Literatura ou da Cultura supõe sempre um certo número de (re)cortes epistemológicos, de escolhas ou actos críticos que remetem para determinados cânones estéticos e ideológicos, explícitos ou implícitos, essa exigência torna-se ainda mais premente no caso de um programa de Literatura Comparada que tem de resultar da construção de um percurso de sentido(s) impossíveis de se limitarem a balizagens ou a critérios de uma dada literatura nacional,

ou de se aterem ao estudo de uma sucessão, mais ou menos arbitrária, de autores ou de obras.

Depois de eleger o século XX (e inícios do século XXI) como período cronológico de referência, dado ser o período sobre o qual as minhas investigações se têm centrado e ser também a época privilegiada no contexto das restantes disciplinas de “Estudos Comparatistas e Relações Interculturais”, restava o maior desafio que era idealizar um trajecto que, ao ser simultaneamente expositivo, argumentativo e pedagógico, pudesse dar conta da diversidade de exílios e suas configurações literárias ao longo do último século, em especial a partir da Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, optei por delinear um programa que selecciona algumas dessas expressões, desde aquelas mais declaradamente circunstanciais, que poderemos designar como **escrita no exílio**, até outras mais metafóricas que remetem para o **exílio na escrita**, no sentido de uma força de ruptura ou de distanciamento identitário exercidos no acto de escrever, passando por representações **a propósito de** ou **sobre o exílio**, seja do próprio autor-narrador, seja de terceiros-personagens. Nessas diferentes expressões procuro destacar e equacionar alguns aspectos transversais que julgo poderem contribuir para uma fenomenologia do exílio na contemporaneidade.

A selecção e articulação do objecto de estudo criado pelo programa procura evidenciar, por um lado, a inter-relação e equilíbrio possíveis entre a “diferença individual” e a “perspectiva unitária”(Guillén, 1985) e, por outro, uma modulação temporal feita de elementos constantes e de variáveis. Este aspecto parece-me, aliás, bastante importante no sentido de encontrar um equilíbrio entre a especificidade dos contextos históricos e a repetição de algumas invariantes na expressão do exílio. Subjacente a esse modo de abordagem existe uma linha argumentativa que concebe o exílio, não apenas como realidade externa, histórica, e por conseguinte, como uma realidade com significativa variabilidade, mas também como uma estrutura interna com uma dimensão heurística, que tanto afecta como é afectada pelos próprios modos de representação literária (ou mais genericamente artística), nas suas relações com a experiência do(s) sujeito(s), com a memória, com as diferentes dimensões do tempo e do espaço.

Porque estou fundamentalmente de acordo com a perspectiva apresentada pela autora de *The Dialectics of Exile* (McLennan, 2004), que considera ser mais produtivo conceber a escrita do exílio como uma dialéctica entre a expressão da realidade, normalmente penosa, da experiência exílica e a representação imaginativa de temas ficcionais (*op.cit*: 41), decidi enfatizar essa dinâmica intersticial, dialéctica, apontando desde o início para uma análise “entre referência e ficção”, a que não é também alheia – devo salientar – uma determinada concepção da literatura e da sua relação com o mundo.

Para moldura geral do programa, destaco três grandes momentos, onde facilmente se discernirão linhas de continuidade cronológica e didáctica, intitulados: **Contextos, Representações e Passagens.**

Num primeiro momento, trata-se de convocar, segundo uma leitura crítica orientada, alguns contextos ou vectores literários, históricos e culturais que funcionam como horizonte de referência ou como matrizes intra e extra-literárias das representações do exílio que serão posteriormente analisadas.

Num segundo momento, desdobra-se aquilo que poderemos considerar uma poética plural do exílio nalguns dos seus módulos ou tópicos estruturantes que revelam ser genericamente transversais às representações de diferentes exílios que pontuaram o último século: desde o exílio mais radical imposto pelo Holocausto e pelos campos de concentração, até outros exílios por razões políticas, económicas ou mais vagamente pessoais, ocorridos ao longo da segunda metade do século XX.

Num terceiro e último momento, procura-se explorar alguns dos sentidos do exílio no âmbito do mundo pós-colonial (no sentido histórico e crítico do termo), relevando continuidades e transformações na problemática do exílio, na sua configuração teórica e crítica, a par naturalmente da sua representação literária. A sucessão comunicativa destes três momentos visa, em geral, conjugar as vertentes

informativa, analítica e projectiva, que nos importará explorar nas representações do exílio⁸.

No que diz respeito à escolha dos autores e textos para estudo em contexto lectivo, ela encerra – como se impõe reconhecer - uma grande margem de arbitrariedade. Tratando-se de um programa que não se rege por uma organização de base nacional dos autores ou da sua língua de escrita, as possibilidades de selecção tornam-se extraordinariamente vastas. Procurei, no entanto, reger-me por critérios gerais de representatividade e de exequibilidade. No capítulo da representatividade, tive em conta que os autores e textos literários abordados no programa fossem não apenas suficientemente relevantes para a temática em questão, como também variados no que diz respeito aos contextos para que remetem e aos imaginários que constroem, bem assim como à sua própria realização discursiva, literária, de modo a permitir que os estudantes contactem com diferenças e distinções a esse nível, a partir das quais poderão e deverão construir os seus próprios juízos críticos. Foi também particularmente deliberada a inclusão de autores e textos de língua portuguesa, por entender que a Literatura Comparada pode também apresentar-se como um desafio de “glocalização”, ou seja, como uma oportunidade de conciliar o horizonte alargado ou global de uma problemática com a sua exploração localizada, no caso concreto, com a análise de textos que em termos linguísticos e culturais são mais próximos à maioria dos estudantes. Por último, e tendo em conta a cada vez maior diversidade de estudantes, com conhecimentos linguísticos bastante desequilibrados, admitirei que tive também a preocupação de seleccionar obras e textos dos quais houvesse, em geral, uma tradução portuguesa. Sempre que possível, trabalhar-se-á a partir das edições originais, mas a própria utilização das traduções deverá ser aproveitada para, em casos pontuais mas significativos, chamar a atenção dos estudantes para os efeitos e significados socioculturais da recepção, bem assim como para as transformações e adaptações operadas na tradução em causa ou a propósito dela.

A presença, praticamente exclusiva, de textos narrativos neste programa decorre também de uma opção a que não é completamente alheio o facto de o

⁸ Note-se que essas três vertentes acabam de algum modo por coincidir com os três momentos (canónico, crítico e poético) que Cristina Robalo Cordeiro destacou no processo formativo na área da Literatura (Cordeiro, 2000: 42).

fenómeno exílico se desenvolver ao longo de eixos temporais e espaciais, tornando-se ele mesmo uma metáfora da imaginação narrativa (Seidel, 1986).

2.2. OBJECTIVOS E PRINCIPAIS ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Este programa visa, antes de mais, desenvolver no estudante as competências transversais a todo curso universitário, designadamente a autonomia, a aptidão de organizar e de articular conhecimentos através de sínteses pessoais, de investigar e de demonstrar espírito crítico, assim como de incrementar a capacidade de decisão a nível tanto do percurso pessoal como da interacção social.

Não obstante os condicionalismos, já anteriormente apontados, no que respeita à formação a nível do 1º ciclo, o facto de estarmos perante um processo de ensino-aprendizagem a nível de pós-graduação, leva a que sejam aqui visadas as capacidades mais avançadas da pirâmide de “learning outcomes”, segundo a taxinomia de Bloom, isto é : a análise, a síntese e a avaliação. Conjuntamente com as restantes disciplinas da estrutura curricular da pós-graduação, pressupõe-se, pois, que os estudantes evoluam do ponto de vista da sua consciência epistemológica, estética e ética, e demonstrem as suas capacidades de aplicação e de avaliação de conhecimentos, desenvolvendo um trabalho de reflexão criativa e, desejavelmente, projectiva a nível sociocultural.

No caso concreto do programa “Representações do exílio: entre referência e ficção”, procurar-se-á que, no final do semestre, os estudantes sejam capazes de:

- a) Reconhecer, analisar e relacionar entre si alguns aspectos das principais matrizes literárias e culturais do exílio, nas suas distintas acepções (histórica, metafísica, psíquica, social...) e na sua natureza transnacional;
- b) Compreender a relevância histórica e cultural das experiências de exílio, no quadro geral de outras experiências de deslocação nos séculos XX-XXI, e relacionar algumas dessas realidades a partir de traços nucleares das suas refacções subjectivas;
- c) Identificar e analisar uma problemática complexa como a do exílio nas suas representações literárias/artísticas, sabendo para isso convocar várias

referências literárias e culturais, assim como alguns conceitos teóricos vindos não apenas da área da Literatura, como também da Filosofia, da História, da Sociologia ou da Antropologia;

- d) Entender que o exílio não é simplesmente uma temática representada na Literatura ou noutros textos artísticos, mas que é uma condição de vida construída na própria representação, através de um cronotopo caracterizado pelo conflito, pela duplicidade e pela hibridez;
- e) Reflectir sobre as implicações estéticas e éticas do exílio (e, em geral, da deslocação) na sociedade contemporânea, onde se cruzam sinais de modernidade e de pós-modernidade, de hospitalidade e de exclusão;
- f) Contribuir para a investigação no domínio das relações entre exílio e criação artística, no contexto da língua portuguesa mas não só.

De acordo com uma perspectiva pedagógica que procura estar atenta às circunstâncias concretas do processo educativo, e nessa medida adaptar-se às necessidades e desafios de cada grupo de estudantes, a pragmática deste programa poderá ter de contemplar algumas estratégias específicas. Não obstante, os seus princípios gerais radicam na:

1. Exposição, pela docente, dos grandes vectores de contextualização histórica e teórico-crítica dos diferentes pontos do programa;
2. Pesquisa orientada de informação complementar sobre autores, textos e/ou conceitos;
3. Análise participada dos textos literários ou críticos (pontualmente também de filmes);
4. Discussão geral em torno de conceitos teóricos e da sua relação quer com os contextos em análise, quer com conhecimentos ligados a outras unidades curriculares;

5. sistematização de conhecimentos e de pontos de articulação entre as matérias abordadas, apontada pela docente mas, posteriormente, trabalhada por cada um dos estudantes, no sentido de realizarem as suas próprias sínteses de conteúdos.

Cada aula, em regime não apenas legalmente previsto de seminário como também desejavelmente actualizado segundo esse modo participado de trabalho, compreenderá um breve período inicial onde a docente apela a uma síntese dos aspectos anteriormente abordados e os articula com o plano e objectivos gerais para essa sessão. Trata-se, a meu ver, de uma dinâmica fundamental que complementa, passo a passo, a apresentação inicial do programa e leva os estudantes a ter consciência da razão de ser dos seus diferentes momentos e transições, bem assim como do próprio processo de ensino-aprendizagem no quadro desta disciplina. Aliás, é também nesse sentido, que se anunciará no final de cada aula as questões a tratar na aula seguinte, bem assim como as passagens das obras que se analisarão de modo mais detalhado. Pretende-se assim que os estudantes procedam a uma leitura prévia desses textos de modo a que eles próprios se preparem também para a reflexão levada a cabo ao longo do seminário e para a participação fundamentada na análise e discussão dos textos.

Havendo a preocupação de alargar os referenciais literários e culturais dos estudantes e não se tratando de um programa de orientação monográfica, existe uma opção inequívoca pela variedade de autores e textos abordados. Essa multiplicidade poderá levantar algumas objecções, ou melhor, alguma resistência por parte dos estudantes, mais habituados a programas monográficos de enquadramento em literaturas nacionais ou de unidade linguística, normalmente limitados a menos autores e obras de análise. No entanto, embora tenha procurado ajustar os textos de referência e de trabalho aos limites do exequível, julgo ser dever do docente fazer com que o estudante de uma pós-graduação na área das Humanidades, e concretamente no domínio da Literatura e Cultura, seja antes de mais um “leitor praticante” acima de qualquer média, possuidor de um alargado painel de referências literárias. Por outro lado, trata-se também de estimular formas de leitura orientada das obras, isto é,

particularmente atentas a aspectos determinados, mediante pistas de leitura em consonância com o programa. Essas abordagens mais direccionadas de cada uma das obras abordadas nas aulas podem e devem ser complementadas por leituras mais detalhadas que pressupõem, inclusive, um trabalho em rede com o grupo de estudantes, na medida em que cada um deverá responsabilizar-se pelo estudo mais desenvolvido de uma das obras constantes do programa ou por ele directamente evocada, de que deverá resultar um relatório de leitura que será disponibilizado na plataforma para toda a turma.

Dever-se-á notar que a pragmática e exequibilidade do programa contam também com um novo paradigma de ensino-aprendizagem, o qual prevê um aumento considerável do trabalho autónomo por parte do estudante, ao mesmo tempo que é substancialmente reduzida a carga lectiva de cada uma das unidades curriculares. Pensada no sentido de quebrar hábitos quer de passividade por parte dos estudantes, quer de alguma tendência para a mera transmissão de conteúdos por parte dos docentes, essa redução de tempo lectivo pode revelar-se bastante problemática se não existir uma verdadeira autonomia e regularidade no trabalho dos discentes. Entretanto, o docente deverá aproveitar ao máximo a média de 1h30m semanais de Orientação Tutorial (OT), de maneira a acompanhar de forma mais personalizada o trabalho de investigação e a progressão na aprendizagem dos estudantes.

No caso concreto desta unidade curricular de 2º ciclo, entendo tirar partido de uma dinâmica de “blend-learning”, já ensaiada em situações similares, e que pressupõe que os estudantes intervenham regularmente na plataforma digital através da inserção de elementos de pesquisa sobre os autores/textos/obras em estudo ou sobre bibliografia complementar, sempre acompanhados e comentados pela docente no sentido de melhorar as prestações e de alargar os conhecimentos a partir das diferentes questões que vão surgindo associadas às leituras e escrita dos estudantes. A utilização da plataforma digital ajuda a dilatar, até certo ponto, o tempo de aulas, uma vez que obriga a uma interacção em rede entre professor e estudantes, obrigando cada um a participar no processo, mas permitindo também usufruir do trabalho dos restantes elementos.

Lembre-se, a propósito, que está previsto que cada um dos estudantes invista, ao longo do semestre, cerca de 7 horas semanais para cada unidade curricular. É claro que esta contabilidade formal, exigida para efeitos de creditação em ECTS, tenderá a funcionar sobretudo como uma indicação, pois tirando as horas lectivas presenciais, não existe propriamente um controlo do tempo exigido e dispendido (salvo aquele que fica registado na plataforma...). Em todo o caso, será fundamental ter em conta estes pressupostos de volume de trabalho, tanto para o estudante como para o docente, de modo a que haja empenhamento e co-responsabilização nessa unidade dialéctica que constitui o processo de ensino-aprendizagem.

Pela conjugação dos objectivos e do modo de funcionamento da disciplina, pretendo acima de tudo que este programa e sua pragmática não signifiquem uma transmissão rotineira nem uma absorção passiva de informações diversas, mas que representem uma oportunidade e um processo de explorar nexos e de fomentar reflexão sobre questões como experiência, memória, sujeito, identidade e comunidade, a partir das representações literárias quer de determinados acontecimentos históricos, quer de problemáticas como a deslocação e exílio que se têm revelado galvanizadoras do pensamento contemporâneo.

Ter-se-ão atingido os propósitos centrais se os estudantes alargarem o respectivo espectro de visões do mundo e da subjectividade humana e se, ao mesmo tempo, desenvolverem a apetência para uma forma interrogativa do pensamento, própria de uma “Universidade sem condição”, como a defendeu Jacques Derrida (2001).

2.3.MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação nesta unidade curricular seguirá, antes de mais, aquelas que são as directrizes emanadas pelo Conselho Pedagógico da Faculdade de Letras do Porto, que resultam, por sua vez, das alterações previstas nos princípios que regem a Declaração de Bolonha. Pressupõe-se agora a prática de modos de avaliação mais regulares, diversificados e consentâneos com uma dinâmica contínua de ensino-aprendizagem a extravasar do tempo lectivo presencial.

Além da assiduidade e participação nos seminários, deverá ser contemplado e devidamente avaliado todo o tipo de trabalho quer regular, quer previamente planificado, que o estudante vier a desenvolver no âmbito desta unidade curricular.

Existe, entretanto, um factor importante a ter em conta para a definição de estratégias de avaliação, que diz respeito ao número de alunos inscritos. Independentemente de se partir sempre do princípio de uma “avaliação distribuída sem exame final” (indubitavelmente mais adequada a uma pós-graduação), as modalidades concretas dessa avaliação contínua poderão ter que ser adaptadas não apenas ao número de alunos inscritos, como também às suas idiossincrasias ou, melhor, às suas competências performativas. Dizendo isto, não se está a subestimar alguns princípios gerais, mas a procurar adaptá-los às circunstâncias de uma turma. A experiência docente tem-me ensinado que pode ser contraproducente, tanto para a dinâmica lectiva como para a motivação geral dos discentes, adoptar alguns esquemas rígidos de funcionamento e de avaliação, como, por exemplo, impor intervenções orais planificadas aos estudantes, quando não existem condições objectivas para que daí possam resultar benefícios de aprendizagem para todos. Por conseguinte, caso seja impossível ou preferível não adoptar esse modelo de intervenção e consequente avaliação, estabelecer-se-á que elas sejam feitas por escrito e disponibilizadas na

plataforma digital de *blend-learning*⁹, onde o professor deverá também inserir os respectivos comentários e/ou correcções, consultáveis por todos. O objectivo final deste procedimento continuará a ser o de levar os estudantes a acompanhar os conteúdos programáticos de uma forma mais activa, praticando aquelas que deverão ser as suas competências de assimilação, análise e reflexão críticas.

Independentemente de se estimular e de se ter em conta a participação oral espontânea no decorrer dos seminários, exigir-se-á que cada estudante apresente ao longo do semestre dois pequenos trabalhos escritos: uma revisão crítica, de +/- 3 páginas dactilografadas a espaço e meio, sobre uma ou mais obras da bibliografia apresentada para a disciplina ou, porventura, sobre uma outra referência bibliográfica; um relatório de leitura crítica, de +/-5 páginas dactilografadas a espaço e meio, a partir de uma das obras consideradas ou invocadas nas aulas, que analise, integre e articule tópicos relacionados com a problemática geral do programa. Depois de lidos e corrigidos pela docente, estes trabalhos serão também colocados na plataforma digital, de modo a fazerem parte do acervo de referências para todos os estudantes inscritos na disciplina.

Esses trabalhos a realizar ao longo do semestre procuram que a avaliação contínua funcione, também ela, como um processo de aprendizagem e de aperfeiçoamento, pelo que a docente estará atenta à aptidão geral para a investigação de cada um dos estudantes¹⁰, e, aproveitando o tempo consignado à orientação tutorial, procurará corrigir e avaliar as respectivas capacidades de expressão, de assimilação dos protocolos do discurso académico, de criação de conexões, de desenvoltura argumentativa e de síntese. Nesse sentido, estabelecer-se-ão prazos determinados para a entrega da revisão e do relatório de leitura, de modo a permitir que a docente vá tendo noção do desempenho de cada um, possa avaliar

⁹ A plataforma será sobretudo utilizada para: 1. comunicar em rede com os estudantes; 2. disponibilizar atempadamente textos de trabalho para as aulas; 3. fornecer indicações complementares; 4. partilhar pesquisas, relatórios de leitura e/ou revisões críticas dos estudantes.

¹⁰ Se bem que os actuais estudantes de pós-graduação já não possam ser encarados apenas, ou preferencialmente, como candidatos a investigadores, existem alguns requisitos que são verdadeiramente transversais a qualquer actividade, como seja: o gosto pelo conhecimento, o rigor e metodologia no trabalho, a capacidade de distinguir o essencial do acessório, a sensibilidade e a desenvoltura no raciocínio.

comparativamente os resultados, e informe os estudantes no sentido de cada um poder aferir o seu desempenho e autonomia pessoal.

No final do semestre, até um mês depois de terminadas as aulas, cada estudante deve entregar também um trabalho de 8-10 páginas dactilografadas a espaço e meio, onde analisará um tópico relacionado com o programa e onde deverá reflectir sobre as suas potencialidades comparatistas, excluía que está nessa altura a possibilidade de levar a cabo uma investigação mais desenvolvida.

As contingências já apontadas quer sobre o número de disciplinas em cada semestre, quer sobre a sua carga lectiva reduzida, acabam por produzir repercussões em termos de desempenho dos estudantes e da respectiva avaliação, pelo que será também minha preocupação procurar que o trabalho final dos estudantes apresente, sempre que possível, alguma articulação com trabalhos desenvolvidos ou a desenvolver no contexto de outros seminários, inclusive em termos de preparação para a dissertação posterior, tanto mais que é consabido que o tempo para a sua realização é bastante reduzido.

Uma vez que a unidade curricular para a qual proponho o presente programa irá funcionar, em princípio, no segundo semestre, é expectável ou até mesmo desejável que, além de poderem reencaminhar e desenvolver algumas investigações realizadas ao longo do primeiro semestre, os estudantes possam ter já uma ideia da pesquisa que irão levar a cabo para dissertação de mestrado.

As 25 horas previstas para orientação tutorial, além do acompanhamento em plataforma e presencial mais individualizado (designadamente a nível do plano geral de trabalho de cada um), incluirão duas ou três sessões colectivas de 2h ao longo do semestre, onde serão discutidos os temas dos trabalhos finais, e acompanhadas as respectivas fases de investigação (a questão de partida, as hipóteses formuladas, a metodologia adoptada, os instrumentos de análise). No final do semestre, existirá uma outra sessão colectiva, onde se procurará que todos participem numa avaliação dos conteúdos e modo de funcionamento desta unidade curricular.

Como critérios de avaliação de todos os trabalhos apresentados pelos estudantes serão tidas em conta a compreensão dos textos, a capacidade de problematização e de relação com outros textos e problemáticas conexas, a correcção da expressão linguística e a qualidade discursiva (estruturação, argumentação, sistematicidade, rigor nas referências e remissões bibliográficas).

A classificação final resultará da ponderação de todas as componentes avaliativas enunciadas, de acordo com a seguinte distribuição equitativa:

1. Avaliação contínua: 40%
2. Trabalho escrito final: 60%

No primeiro campo, incluem-se as notações referentes à recensão, relatório de leitura, assiduidade e qualidade da participação oral nas aulas, além de se ter em conta o cumprimento de prazos e a regularidade nas leituras obrigatórias e complementares.

Já para a classificação do trabalho escrito, será ponderada a originalidade da hipótese de trabalho comparatista, o seu tratamento em termos de pesquisa e de argumentação, o rigor nos protocolos académicos e a sua apresentação/discussão oral ao longo das sessões de orientação tutorial.

III. PROGRAMA: “REPRESENTAÇÕES DO EXÍLIO: ENTRE REFERÊNCIA E FICÇÃO”

3.1.APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DO PROGRAMA E BIBLIOGRAFIA¹¹

REPRESENTAÇÕES DO EXÍLIO: ENTRE REFERÊNCIA E FICÇÃO

A partir de três grandes eixos (contextos, representações e passagens) articulados entre si, e em complementaridade a outras abordagens do fenómeno da deslocação, este programa propõe-se reflectir sobre o exílio e explorar a sua presença estruturante em narrativas literárias dos séculos XX-XXI, de modo a realçar o seu contributo quer para a construção de uma memória histórica colectiva, quer para a representação das problemáticas identitárias nas suas relações com o espaço, com o tempo e com o(s) outro(s), quer ainda para a afirmação das fronteiras comunicativas entre a Literatura e demais áreas do conhecimento.

I. CONTEXTOS

1. Literatura Comparada e exílio: tópicos e nexos comparatistas
2. O exílio na História da Literatura: algumas matrizes de uma problemática existencial
3. O exílio no século XX : vectores históricos, figurações subjectivas e intelectuais

II. REPRESENTAÇÕES

1. Narrativas de exílio: linhas de força em discursos liminares
 - 1.1. Entre testemunho, silêncio e diferimento
 - 1.2. Autobiografias oblíquas e desdobramentos ficcionais
 - 1.3. Topografias da ausência e da memória

¹¹ Modelo de apresentação do programa e da bibliografia nos limites impostos pela sua divulgação “on-line”, através de uma ficha de disciplina informática para consulta dos estudantes, onde deverão também constar, de forma igualmente sintética, os principais objectivos dentre aqueles que atrás ficaram enunciados. A bibliografia é necessariamente seleccionada e será pontualmente complementada ao longo do semestre com outras indicações bibliográficas em função das questões levantadas pela participação e trabalho de investigação dos estudantes.

1.4. A nostalgia e as ilusões do retorno

III. PASSAGENS

1. Que exílio(s) num mundo de fronteiras permeáveis? Questões e percursos em aberto
- 1.1. Condições pós-coloniais e discursos de pós-modernidade: exílios, migrações e nomadismos
- 1.2. Configurações exílicas e problemáticas identitárias

BIBLIOGRAFIA

Activa

ALEGRE, Manuel (2003) - *Rafael*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

ALIGHIERI, Dante (1995) - *A Divina Comédia*, Tradução de Vasco Graça Moura, Lisboa, Bertrand [excertos].

BEN JELLOUN, Tahar (1991) - *Les Yeux Baissés*, Paris, Seuil.

Bíblia Sagrada (2002) - Lisboa, Difusora Bíblica, 4ªed.[excertos]

COSTA, Maria Velho (2008) - *Myra*, Lisboa, Assírio & Alvim.

HOMERO (2003) - *Odisseia*, Tradução de Frederico Lourenço, Lisboa, Livros Cotovia [excertos].

KUNDERA, Milan (2003) - *L'ignorance*, Paris, Folio/Gallimard [trad. portuguesa: *A Ignorância*, trad. de Miguel Serras Pereira, Porto, Asa, 2003].

LEVI, Primo (2009) - *Se Isto é um Homem*, Lisboa, Edições Teorema [1958].

OVÍDIO, *Tristia* [ed. ut. *Tristes*. Texte établie et traduit par Jacques André, Paris, Les Belles Lettres, 1968].

PLUTARCO, *De Exilio* [ed. ut « De l'exil » in *Œuvres Morales*, Texte traduit et établi par Jean Hani, Paris, Les Belles Lettres, 1980] [excertos].

SEBALD, W.G. (2001) - *Schwindel.Gefühle* [ed. ut. *Vertigens.Impressões*, Lisboa, Teorema, 2007, esp. "*Il Ritorno in Patria*"].

SEMPRUN, Jorge (1963) - *Le Grand Voyage*, Paris, Gallimard.

Passiva

BAREIL, Jean-Philippe (1998) - *Exil et voyage littéraire dans l'oeuvre de Primo Levi*, Paris, Éd. Messene.

BOYER-WEIMANN, Martine (2009) – *Lire Milan Kundera*, Paris, Armand Colin.

CHVATIK, Kvetoslav (1995) - *Le monde romanesque de Milan Kundera*, traduit de l'allemand par Bernard Lortholary, Paris, Gallimard, Arcades.

CORDLE, Daniel (2002) - «States of Being not Being in States : Metaphysical Border Crossings in The Work of Milan Kundera », *Displaced Persons : Conditions of Exile in European Culture*, Edited by Sharon Ouditt, England and USA, Ashgate Publishing Limited, pp. 128-137.

CORTANZE , Gérard de (2004) - *Jorge Semprun, l'écriture de la vie*, Gallimard, «Folio».

DURÁN, Maria Angélica Semilla (2005) - *Le Masque et le Masqué. Jorge Semprun et les abîmes de la mémoire*, Presses Universitaires du Mirail.

FAROUK, May (2008), *Tahar Ben Jelloun. Etude des enjeux réflexifs dans l'oeuvre*, Paris, L'Harmattan.

FISCHER, Gerhard (2009) - "Writing *ex patria*. W.G. Sebald and the Construction of a Literary Identity", in *Literature for Europe?*, Edited by Theo D'Haen and Iannis Goerlandt, Amsterdam-New York, pp. 260-277.

GAERTNER, Jan Felix (2007) – "Ovide and the «poetics of Exile»: how exilic is ovid's exile poetry?" in *Writing Exile: The Discourse of Displacement in Greco-Roman Antiquity and Beyond*, ed. Jan Feliz Gaertner , Leiden, Brill , pp. 155-172.

KREMER, Roberta S. (2001) – *Primo Levi as writer and witness*, State of University of New York Press.

MENDES, Ana Paula Coutinho (2009) – *Lentes Bifocais. Representações da Diáspora Portuguesa do Século XX*, Porto, Edições Afrontamento e Instituto de literatura Comparada Margarida Losa.

MONTANDON, Alain (1999) – "Le retour d'Ulysse", *L'Émigration: Le Retour*, Université Blaise-Pascal. Centre de Recherches sur les Littératures Modernes et Contemporaines, pp. 13-21.

RICARD, François (2003) - *Le dernier après-midi d'Agnès. Essai sur l'œuvre de Milan Kundera*, Paris, Gallimard, « Arcades».

ROSSANO, P./ RAVASI, G./ GUIRLANDA, A. (Dir.)(1990) - *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*, Madrid, San Pablo, 2ª ed.

SCHWARTZ, Lynne Sharon (2009) - *L'Archéologie de la mémoire. Conversations avec W.G.Seald*, Actes Sud.

TOURET, Michèle (2004) – « Jorge Semprun, le témoin inventif», *Le roman français au tournant du XXIe siècle*, Sous la direction de Bruno Blanckeman, alicia Mura-Brunel et Marc Dambre, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, pp. 103-114.

Estudos teóricos e obras de contextualização

AAVV (2001) - *Floresta Encantada. Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Org. de Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão , Lisboa, Publicações Dom Quixote.

AAVV (2008) - *Esilio. Quaderni di Synapsis VII* A cura di Roberto Russi, Firenze, Le Monnier.

AAVV (1999) - *Letters of transit: Reflections on exile, identity, language and loss*. Edited by Andre Aciman; New York, New Press.

AAVV (2003) – *Exile, language and identity*. Edited by Magda Strojinska and Vittorina Cecchetto, Frankfurt, Peter Lang.

AGAMBEN, Giorgio (1996) – «Política del exílio», in *Archipiélago. Cuadernos de Crítica de la Cultura*, trad. de Dante Bernardi, Barcelona, nºs 26-27, pp. 41-52.

ALEGRE, Manuel (1989) – *O Homem do País Azul*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

----- (1995) – *30 Anos de Poesia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

ASHCROFT, Bill alii (1989) - *The Empire writes back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, Routledge.

BAMMER, Angelica (ed) (1994) – *Displacements. Cultural Identity in Question*, Indianapolis, Indiana University Press.

BHABHA, Homi K (1994) - *The location of culture*, London and New York, Routledge.

BARKAN, Elazar; SHELTON, Marie Denise (eds) (1998) - *Borders, Exiles, Diasporas, Cultural Sitings*, Stanford, CA: Stanford University Press.

BESSIÈRE, Jean/ KARÁTON, André (1982) - *Déracinement et Littérature*, Presses de L'Université de Lille.

BRODSKY, Joseph (1988) – «The Condition We Call Exile» [ed. Ut. "La condizione che chiamiamo esilio in Iosf Broskij, *Dall'esilio*, Milano, Adelphi Edizione, pp. 13-36].

DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix (1980) – *Mille Plateaux*, Paris, Minuit.

FORSICK, Charles (ed) (2001) – *Travel and Exile Postcolonial Perspectives*, Association for the study of Caribbean and African Literature in French.

GASPARINI, Philippe (2004) - *Est-il je ? Roman autobiographique et autofiction*, Paris, Seuil, Brill.

GLISSANT, Édouard (1990) - *Poétique de la Relation*, Paris, Gallimard.

GUILLÉN, Claudio (1995) - *El sol de los desterrados: literatura y exilio* [ed. ut. *O sol dos Desterrados. Literatura e Exílio*, Tradução de Maria Fernanda Abreu, Lisboa, Teorema].

KAPLAN, Caren (2005) - *Questions of Travel. Postmodern Discourses of Displacement*, Duke University.

KUNDERA, Milan (1985) – *Le livre du rire et de l'oubli*, Trad. de François Kérel revue par l'auteur, Paris, Folio/Gallimard.

----- (1986) – *La valse aux adieux*, Trad. de François Kérel revue par l'auteur, Paris, Folio/Gallimard.

LEJEUNE, Philippe (1975) - *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil.

----- (1980) - *Je est un autre. L'autobiographie, de la littérature aux médias*, Paris, Seuil.

----- (1986) - *Moi aussi*, Paris, Seuil.

LEJEUNE, Philippe (2005) - *Signes de Vie. Le pacte autobiographique 2*, Paris, Seuil.

LEVI, Primo (1963) – *La Tregua* [ed. ut. *A Trégua*, Tradução de José Colaço Barreiros, Lisboa, Editorial Teorema, 2004].

MAKOUTA-MBOUKOU, Jean-Pierre (1993) – *Littératures de l'Exil. Des textes sacrés aux oeuvres profanes*, Paris, L'Harmattan.

McCLENNEN, Sophia A. (2004) – *The Dialectics of Exile – Nation, Time, Language, and Space in Hispanic Literatures*, Purdue University Press.

MORLEY, David (2000) – *Home Territories. Media, Mobility and Identity*, London and New York, Routledge.

ODITT, Sharon (ed) (2002) – *Displaced Persons. Conditions of Exile in European Culture*, Aldershot and Burlington, Ashgate.

PEEREN, Esther (2007) - “Through the Lens of the Cronotope”, *Diaspora and Memory. Figures of Displacement in Contemporary Literature, Arts and Politics*, Editors Marie-Aude Baronian, Stephan Besser, Yolande Jansen, Amsterdam-New York, pp. 67-75.

PETERS, John Durham (1999) – «Exile, nomadism, and diaspora : the stakes of mobility in the western canon», *Home, Exile, Homeland. Film, Media, and The Politics of Place*, edited by Hamid Naficy, New York and London, Routledge, pp. 17-41.

RELLA, Franco (2004) - *Dall'esilio. La creazione artistica come testimonianza*, Milano, Feltrinelli, «Campi del sapere».

RICOEUR, Paul (1983) – *Temps et Récit I*, Paris, Seuil.

RUSHDIE, Salman (1994) – « Pátrias Imaginárias » in *Pátrias Imaginárias*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 23-35.

SABBAH, Danièle - *Écritures de l'exil*, Presses Universitaires de Bordeaux, 2009.

SAID, Edward (2001) – *Reflections on Exile* [ed.ut. *Reflexiones sobre el exilio. Ensayos literarios y culturales*, Traducción de Ricardop Garcia Pérez, Madrid, Debate, 2005].

SEBALD, W.G. (2001) – *Die Augewanderten* [ed.ut. *Os Emigrantes*, Tradução de Telma Costa, Lisboa, Editorial Teorema, 2005].

SEIDEL, Michael (1986) – *Exile and the Narrative Imagination*, Yale University Press.

SEMPRUN, Jorge (1981) – *L'Algarabie*, Paris, Folio/Gallimard.

----- (1986) – *La Montagne Blanche*, Paris, Folio/Gallimard.

SEYHAN, Azade (2001) – *Writing Outside the Nation*, Princeton and Oxford, Princeton University Press.

SULEIMAN, Susan Rubin (ed) (1996) - *Exile and Creativity*, Durham and London, Duke University Press.

STEINER, Georges (2002) – “En extraterritorialité”, *Extraterritorialité*, Paris, Calmann-Lévy, pp. 15-25.

WHITLARK, James; WENDELL, Aycok (1992) – *The Literature of Emigration and Exile*, Lubbock, Texas, Texas Tech UP.

3.2.CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS E SUA PLANIFICAÇÃO

A. Planificação geral¹²

ENQUADRAMENTOS: 4 AULAS

REPRESENTAÇÕES: 7 AULAS

PASSAGENS: 4 AULAS

B. Planificação detalhada

Aula nº 1:

LITERATURA COMPARADA E EXÍLIO: TÓPICOS E NEXOS COMPARATISTAS

➤ *Apresentação dos participantes*

O primeiro encontro com os estudantes deverá constituir uma oportunidade para a docente fazer uma radiografia geral do grupo com que irá trabalhar ao longo do semestre e para que cada um faça uma breve resenha oral da sua formação curricular anterior e apresente as suas principais expectativas relativamente à

¹² Ainda que ensaie, de seguida, um desdobramento mais pormenorizado desta planificação geral por unidades lectivas, ressalvo a possibilidade de, pontualmente, ter de a ajustar, por força da discussão provocada pela análise de textos ou de outras intervenções relacionadas com a matéria do programa.

disciplina e ao curso em que se integra. Os moldes desta apresentação serão naturalmente adaptados, caso a docente e os estudantes já se tenham conhecido no primeiro semestre, promovendo-se então, como motivação prévia, um balanço sobre os conhecimentos entretanto adquiridos noutras unidades curriculares e que poderão ser retomados no âmbito dos “Tópicos em Comparatismo”, a partir de outro *corpus* de análise e segundo diferentes premissas e/ou enfoques.

➤ ***Do intitulado genérico da disciplina à especificidade de um programa: razões e objectivos de uma escolha***

A abrangência para que aponta a designação “Tópicos em Comparatismo” exige uma circunscrição que resulte da escolha concreta de uma problemática. Esta deverá potenciar uma indagação plurivectorial, alicerçada nas potencialidades hermenêuticas da relação não apenas entre vários textos literários, mas também da sua articulação seja com outras expressões artísticas, seja com diferentes discursos ou áreas de conhecimento. É importante, por isso, deixar no início bem sublinhado que um programa lectivo, tal como qualquer objecto de estudo, resulta sempre de uma hipótese de trabalho e de uma construção epistemológica, determinada por pressupostos, cortes e objectivos ora mais convencionais, ora mais experimentais. Para o caso concreto, serão apresentadas as principais razões quer de articulação curricular e institucional, quer de relevância sociocultural, que concorreram para a escolha da temática do exílio que, a par da viagem, é uma das práticas mais perenes de deslocação, como apontou Caren Kaplan (2005).

➤ ***Literatura Comparada e exílio***

Entre a Literatura Comparada como disciplina académica ou área de investigação e o exílio sempre existiu uma relação estreita, endémica mesmo, uma vez que muitos dos seus principais especialistas viveram, eles próprios, experiências de deslocação e

de exílio, a que acabariam por não ser completamente alheios os seus modos de apreensão dos diferentes fenómenos culturais e literários. Na disciplina “Literatura Comparada: questões e perspectivas” ter-se-á certamente abordado esta questão¹³, na sequência da leitura exploratória da conhecida conferência de Georges Steiner (1995), onde este chama a atenção – com manifesto conhecimento de causa - para o contributo dos universitários judeus ou de origem judaica, bem como de outros exilados, para a história e desenvolvimento da Literatura Comparada, na sua dimensão tanto académica como crítica. Steiner vai mesmo ao ponto de sugerir a interiorização disciplinar desses destinos de dispersão, quando declara: “Comparative literature therefore carries within it both the virtuositities and the sadness of a certain exile, of a inward *diaspora* (*ibidem*: 7¹⁴). De resto, já no seu muito anterior *Extraterritorial* (1968), Georges Steiner considerava a literatura de exílio como uma das principais fontes da literatura contemporânea, debruçando-se na altura sobre os autores “deslocados”, sujeitos à hesitação dialéctica de um pluralismo linguístico experienciado, a título de exemplo, por Vladimir Nabokov ou Samuel Beckett.

Por seu turno e de modo mais abrangente, Claudio Guillén chamou também a atenção para as semelhanças entre o exílio e a literatura, no que diz respeito a uma desfamiliarização das percepções, “muito parecida - anotava o autor de *El Sol de los desterrados* - “à que Viktor Slovisky e os formalistas russos atribuíram ao efeito das formas literárias” (Guillén, 2005: 153).

Mas além da referida ligação circunstancial entre Literatura Comparada e estudiosos exilados, não totalmente despicienda por ter de certo modo revertido num *ethos* de distanciamento ou numa estrutura de consciência exílica para a própria disciplina (Apter, 1995:94), importa ter em conta as dimensões que o tema do exílio foi adquirindo ao longo da tradição literária, tanto a Ocidente como a Oriente, e que para além dos mais variados estudos monográficos, foi merecendo também uma alargada atenção no campo da Literatura Comparada, de acordo com as dominantes de perspectivas e metodologias que a disciplina foi convocando. Pelas referências literárias que reúne e pelo que ajuda a conceptualizar nesta multi-milenar equação

¹³ Os alunos de “Tópicos em Comparatismo” poderão, contudo, não ter tido essa unidade curricular que, embora aconselhada, não está (ainda) prevista como obrigatória no plano curricular do Curso.

¹⁴ Veja-se igualmente, do mesmo autor, o capítulo “Sion” de *My Unwritten Books* (2008).

entre Literatura e Exílio, é de realçar o trabalho de Claudio Guillén em *El sol de los desterrados* (1995), e a sua revisão e ampliação em *Múltiples Moradas* (1998).

Se bem que a noção de “tema” e os estudos temáticos tenham conhecido várias formulações e vicissitudes ao longo do século XX, cujos principais contornos, impasses e desafios também terão sido abordados em “Literatura Comparada: Questões e Perspectivas”¹⁵, a sua oportunidade e legitimidade continuam a assentar num suporte declaradamente empírico que se abre a uma hermenêutica experiencial, de base relacional, que tanto pode ser perspectivada em termos transnacionais como transhistóricos.

No caso em apreço, sendo verdade que o exílio remete, como tantos outros temas, para uma experiência extra-literária, aquilo que nos irá deter é a sua configuração em textos literários, no sentido de relevarmos não apenas a concorrência de planos referenciais e de construções ficcionais, como a persistência de alguns *topoi* que, modulados consoante diferentes contextos históricos e literários, se articulam com algumas questões axiais da literatura, sociedade e pensamentos contemporâneos.

➤ ***Apresentação comentada do programa***

Aquela que é a apresentação *on-line* do programa será comentada pela docente, no sentido de tornar mais explícitos quer os objectivos do percurso epistemológico que lhe subjaz, quer a razão de ser dos textos/obras que serão convocados e analisados ao longo do semestre.

Apresentar-se-á também brevemente a bibliografia geral da disciplina, aproveitando para sublinhar os enfoques específicos de alguns estudos, bem assim como para complementar, num ou noutro caso, as referências apenas ao programa, na sua forma de apresentação pública.

¹⁵ Mas que os estudantes serão chamados a recuperar pela leitura e posterior discussão de um ensaio como “A Questão Temática: O Tema como Problema em Literatura” (Seixo, 2001: 459-499, especialmente pp. 459-479).

As indicações bibliográficas mais específicas serão facultadas ao longo de cada ponto do programa, de maneira a tornar mais evidente a importância da sua consulta.

➤ ***Contrato didáctico***

Será apresentado o modo geral de funcionamento das aulas: uma exposição prévia por parte da docente da questão ou dos tópicos a analisar, chamando a atenção para as oportunas fundamentações e ramificações históricas, culturais, teóricas. Essa equação prévia deverá ser, depois, direccionada para casos concretos de obras literárias (desde logo aquelas que farão parte do núcleo duro de leituras do programa, mas também de alguns outros exemplos pontualmente referidos ou evocados).

Para cada sessão, os estudantes deverão ter lido previamente os textos, indicados e/ou disponibilizados pela docente, de modo a poder acompanhar as análises mais detalhadas e participar na discussão em torno de conceitos ou questões gerais, na interpretação das obras e no tecer de possíveis relações com outros textos e contextos.

Nesta aula inicial, a docente apresentará também uma calendarização, por semanas, dos tópicos do programa, de modo a facilitar a organização de leituras da bibliografia activa e passiva.

Serão explicados os moldes de funcionamento em “blend learning” da disciplina, sendo imperioso que a docente motive e comprometa os estudantes para uma utilização da plataforma que não se limite ao mero acesso a textos de apoio. Chamar-se-á assim a atenção para o facto de a plataforma representar uma oportunidade de alargamento do contacto lectivo presencial e um processo de aprendizagem de acordo com uma perspectiva pedagógica construtivista-colaborativa. Isto mesmo pressupõe a partilha em rede quer de leituras de artigos ou de livros, quer da indicação de sites de interesse para as matérias da disciplina, quer ainda das pesquisas em torno de algumas questões literárias ou histórico-culturais relacionadas com o programa. Caberá à docente supervisionar todas essas intervenções, orientando

cada uma das participações dos estudantes no sentido do aprofundamento e do aperfeiçoamento gerais, no que toca tanto às formas como aos conteúdos.

Serão ainda apresentadas as componentes de avaliação nesta disciplina, esclarecidos os seus objectivos e exigências, bem como combinados os prazos de entrega dos trabalhos obrigatórios.

Aulas nº 2 e 3:

O EXÍLIO NA HISTÓRIA DA LITERATURA: MATRIZES DE UMA PROBLEMÁTICA EXISTENCIAL

➤ *O exílio na (e como) tradição literária*

Tratar-se-á de apontar para o exílio enquanto realidade textual, e nesse sentido de acentuar a sua presença ao longo da História da Literatura, na medida em que aquele se tornou uma (ou mesmo a) narrativa central da civilização europeia¹⁶. Não se pretende contudo fazer um estudo diacrónico da presença do exílio na literatura. Esse seria um procedimento completamente desproporcionado, ou mesmo impossível para os limites lectivos do programa, porque potenciador de uma abordagem que dificilmente ultrapassaria o estágio da enumeração acrítica ou do descritivismo inconsequente. Em contraposição, aquilo que se propõe fazer é sublinhar o facto de as referências literárias que a História foi congregando serem já elas próprias modalizadoras das experiências concretas ou imaginadas do exílio, pelo que acabam também naturalmente por actuar a nível da criação e da recepção da escrita de exílio. Por outras palavras, as experiências antropológica e histórica da expulsão e da

¹⁶ A este propósito aconselhar-se-á vivamente a leitura não apenas do já antes citado e criterioso *O Sol dos Desterrados*, como também a panorâmica arguta de John Durham Peters, "Exile, Nomadism, and Diaspora. The stakes of mobility in the western Canon" (in Naficy, 1999), cujos vectores nos acompanharão também noutros momentos do programa.

deslocação – acções que em si mesmas começaram por determinar a condição e o sentido do exílio – encontram-se radicalmente culturalizadas, ou seja, fazem parte de uma tradição arquetípica e estão inscritas num reportório temático-formal que é, de *per se*, potenciador de criação artística. É, aliás, todo esse lastro que nos permite entender a densidade temporal que está em jogo nas representações do exílio, porquanto estas convocam sempre, directamente ou indirectamente, uma temporalidade tanto linear e histórica, como cíclica, mitológica ou monumental. O recurso a algumas narrativas arquetípicas ou paradigmáticas de exílio representa, em si mesmo, um gesto mítico ou ritual que pressupõe a crença na cultura como transcendência, ou seja, como um espécie de antídoto às adversidades associadas ao próprio exílio.

Da vasta panóplia de exemplos da presença de exílio na literatura, destacar-se-ão, pela sua importância matricial e pela sua relevância na interacção com as leituras posteriores, a *Bíblia*, a *Odisseia* de Homero, *Tristia* de Ovídio, *De exílio* de Plutarco e *A Divina Comédia* de Dante ¹⁷. Através da selecção e leitura comentada de alguns excertos dessas obras (que nalguns casos deverão já fazer parte do *background* dos estudantes), tratar-se-á de entender por que estes exemplos representam matrizes de:

1. Experiência exílica, no mais amplo sentido do termo, ou seja, desde a sua aceção mais concreta e histórica, como acontece com o desterro ou com o exílio por razões políticas, ao seu sentido mais metafórico, como aquele que concebe a vida terrena como um exílio do paraíso celeste;
2. Ambivalências de sentidos associados à própria realidade do exílio, cuja etimologia latina já aponta para noções que podem funcionar como contraditórias, uma vez que existe por um lado a ideia de “movimento para

¹⁷ Ao longo do semestre, procurar-se-á sempre apelar para o interesse e oportunidade de outras leituras complementares ao programa. Neste passo em concreto, lembrar-se-ão figuras míticas ou arquetípicas ligadas à temática do exílio, como sejam Medeia, Édipo ou Antígona, numa eventual complementaridade com a disciplina de “Mitos nas Culturas Contemporâneas”. No caso de Antígona, aconselar-se-á uma “versão” de María Zambrano em *La tumba de Antígona*, um texto dramático-ensaístico, onde através da voz daquela heroína trágica, que nas palavras de Etéocles, via sempre para lá das fronteiras da pátria (Zambrano, 1986: 248), a autora espanhola expõe a sua própria visão da experiência radical do exílio enquanto *anagnorisis*.

- fora” (podendo pressupor uma atitude voluntária) e, por o outro, a ideia de “separação forçada”, de “banimento”;
3. Complexidade de sentimentos relativamente aos espaços, tempos e pessoas que se cruzam e se (in)compatibilizam no exílio;
 4. Importância da narrativização da experiência como corolário do próprio exílio.

➤ ***O exílio na Bíblia: entre castigo e salvação***

Além de alguns referentes históricos, é num sentido metafórico que o exílio mais contribui para a narrativa bíblica. Desde logo, como metáfora da condição humana marcada por uma fissura primordial, o que nos leva a encarar o exílio no contexto de uma hermenêutica do ser, mesmo que o façamos à margem de uma mundividência religiosa ou de uma leitura confessional.

O episódio da expulsão de Adão e Eva do paraíso (Gen. 3, 1-24), que funciona como um arquétipo do exílio, resulta de uma quebra da Aliança divina, impondo à Humanidade um destino de desarmonia e de dispersão. Como contraponto a esta alegoria primordial, surge o *Êxodo*, o primeiro texto de exílio, do ponto de vista histórico, da Bíblia. Curiosamente, o *Êxodo* representa a tensão de uma terra prometida e, nesse sentido, aponta para uma vertente positiva do exílio, na medida em que relata um caminho de salvação: Deus promete a Moisés que libertará o seu povo do exílio (da terra abandonada) e da opressão no Egito, conduzindo-o através do deserto até à Terra prometida (Êx 3,7-12). O exílio passa, assim, a estar associado a um horizonte de libertação, concebido como uma travessia, um regresso ao cronótopo paradisíaco que sela uma nova Aliança com Deus. Essa mesma estrutura de promessa de um futuro redimido das agruras do exílio, é visível nas palavras do profeta Isaías, na passagem que se refere ao regresso dos exilados (Isaías 49, 7-12).

De destacar também, pelas suas repercussões literárias, o Salmo 137 (136) que, além de se reportar à invasão de Jerusalém em 586 a.C. e à deportação de milhares de judeus para Babilónia, simboliza a fidelidade extrema do(s) exilado(s) à sua terra natal, ao ponto de recusar(em) exultá-la em terra alheia, como se o exílio tivesse que ficar

sempre associado quer à nostalgia quer ao silêncio ou ao emudecimento, sob pena de traição às origens e ao plano de reintegração numa pátria divina.

➤ ***Ulysses, epítome do herói exilado***

Ulisses é um exilado accidental, na medida em que é a sua longa e atribulada viagem de regresso a Ítaca, depois da vitória na Guerra de Tróia, que lhe faz verdadeiramente sentir que está longe da sua pátria e dos seus familiares, imerso numa condição a que não é alheio o sentimento de culpabilidade. A obsessão do “homem astuto” pelo reencontro com as origens leva-o a resistir aos desígnios divinos que, dos mais variados modos, foram desviando e protelando o seu regresso a Ítaca. Este tornar-se-á também e sobretudo numa tomada de consciência da individualidade, dos limites, da morte e do renascimento após uma longa gestação. Explorar-se-ão como particularmente simbólicas e tendencialmente arquetípicas do exílio de Ulysses, dos sofrimentos e das tensões que aquele significou, as seguintes passagens:

- a) O encontro de despedida entre Ulisses e Calipso (Canto V vv-149-233);
- b) A chegada de Ulysses adormecido a Ítaca e o seu primeiro não reconhecimento da terra pátria (Canto XIII vv-188-235);
- c) O disfarce de Ulysses como estratégia de vitória sobre os adversários e de aproximação gradativa aos seus, nomeadamente a Penélope (Canto XIX vv-105-122 e 164-250).

➤ ***O exílio entre as polaridades disfórica e eufórica: Ovídio e Plutarco***

A hipótese de leitura avançada por Claudio Guillén da existência de dois valores fundamentais, duas atitudes arquetípicas, de pólos opostos que marcam o exílio desde a Antiguidade (Guillén, 1995: 18), apresenta-se como bastante fecunda, na medida em

que nos ajuda a entender aquelas reacções que, ao longo da História, foram declaradamente opostas, ou, no mínimo, ambivalentes perante o fenómeno exílico. De resto, quer a própria etimologia da palavra, quer a história do fenómeno em si apresentam sentidos nem sempre coincidentes. Basta lembrar que, por exemplo na Roma antiga, o “*exilium*” que significava expulsão, banimento, temporário ou permanente, chegou também a significar um afastamento voluntário da cidade, ou seja, a possibilidade de os cidadãos escaparem a uma sentença.

Já no quadro de uma análise fenomenológica do exílio, concentrada sobre a condição exílica originária, é notória a marca duma estrutura existencial contraditória, pois tanto se podem detectar sentimentos negativos de medo e de angústia, como sentimentos positivos de abertura ao mundo (Dufrénois/Miquel, 1996).

Por sua vez, nas reflexões que dedica ao exílio, Edward Said começa por estabelecer uma distinção entre os planos do pensamento e da experiência, ao lembrar que “El exílio es algo curiosamente cautivador sobre lo que pensar, pero terrible de experimentar” (Said, 2005: 179).

A divisão que Júlia Kristeva concebe relativamente à forma como os estrangeiros vivem a terra perdida, dividindo-os em “ironistas” e “crentes” (Kristeva, 1988:21), traduz igualmente uma contradição estruturante perante o exílio. E os exemplos de tensão e ambivalência poderão multiplicar-se, caso se atente às grandes linhas da teorização actual em torno das questões da deslocação que, ou não escondem o entusiasmo pelas virtualidades da mobilidade e da desterritorialização, ou então insistem em denunciar os seus efeitos negativos, à escala individual e colectiva.

Por sua vez, os próprios escritores do século XX tenderão a dividir-se entre aqueles que se deixaram seduzir pela conquista de um espaço solitário, de distanciamento, como James Joyce, Samuel Beckett, Ezra Pound, D.H. Lawrence, Hannah Arendt, Vera Linhartova, Stefan Zweig, e aqueles que viveram o exílio sob a forma de uma perda irreduzível e traumática, como Joseph Conrad, Elias Canetti ou Adorno. Muitos são, no entanto, os casos em que prevaleceu uma tensão dialéctica entre essas duas tendências.

Para ilustração dos dois paradigmas apontados por Guillén, o elegíaco, ovidiano, por um lado, e o solar, plutarquiano, pelo outro¹⁸, serão brevemente contextualizados e comentados excertos de, respectivamente, *Tristia* (do Livro I e III) e da epístola *De Exilio* (caps. 1-5, 12 e 17), onde serão fundamentalmente sublinhados e discutidos os seguintes aspectos:

- a) O Livro (a escrita) como primeiro destinatário do escritor exilado, a quem é atribuída a missão de o representar na terra perdida. Sinal primeiro da divisão interna do sujeito exilado e da sua busca de alteridade;
- b) A opção pela escrita despojada, “não ornamentada”, “comme il convient au livre d’un exilé” (*Tristia*, I, 4-5);
- c) O desejo de poder vir a morrer na pátria e a concepção de exílio como morte;
- d) As oposições e tensões entre a adversidade, próxima e presente, e a felicidade, longínqua e passada;
- e) O mundo como pátria do Homem, exilado do céu;
- f) A distinção entre o exílio como “facto em si” e os julgamentos em seu redor;
- g) As vantagens libertadoras do exílio e a sua tradição prestigiante.

➤ ***O exílio iniciático em A Divina Comédia***

Para além de uma breve apresentação do projecto geral desta obra de Dante, sublinhando aquele que é um dos seus vectores fundamentais, a saber, a longa peregrinação ou viagem iniciática de uma alma errante, que atravessa o caminho do sofrimento até à redenção sábia, chamar-se-á a atenção para o facto de esta obra poder ser lida, à semelhança do proposto por Curtius, como uma resposta que, em duplicação, Dante deu ao seu próprio destino de exilado político de Florença, tornando-o motor de uma visão do destino universal do Homem. É nesse sentido que se poderá dizer que A

¹⁸ Ainda segundo Guillén, estes dois paradigmas estariam articulados com duas outras categorias da escrita do exílio: a exílica (nostálgica) e a contra-exílio (criativa). A maior parte dos textos definir-se-ia no âmbito de um espectro balizado por essas duas atitudes.

Divina Comédia representa a expressão de um compromisso, tal como ele aparece sugerido na *mise en abyme* da própria obra, que Dante introduziu nos Cantos XVI e XVII de “Paraíso”. No encontro que aí é relatado de Dante (personagem) com o seu trisavô Cacciaguida (representante da memória) não fica apenas confirmada a antiguidade de uma linhagem, nem só denunciada a decadência moral e política da Florença de então, existe também a profecia que esse antepassado faz do exílio de Dante (autor) e da missão poética que lhe estará associada: uma poesia da mais elevada revelação, a despeito dos incómodos que possa provocar (cap. XVII, 124-142). Isto significa que a própria ficção poética d’*A Divina Comédia* e, em particular o seu canto XVII, selam uma estreita relação entre o exílio do poeta e a sua própria obra, consagrando àquele um sentido de percurso iniciático e de transcendência (um exílio dentro do exílio) que o resgata dos circunstancialismos históricos (não obstante presentes) e que o abre a uma dimensão espiritual e universal, de que *A Divina Comédia* é a própria materialização, em si mesma especularmente anunciada.

Aula nº 4:

O EXÍLIO NO SÉCULO XX: VECTORES HISTÓRICOS, FIGURAÇÕES SUBJECTIVAS E INTELECTUAIS

➤ *Distinções terminológicas, enquadramentos teóricos e cruzamentos práticos*

Se é verdade que o exílio pode ser encarado como uma metáfora existencial, uma vez que do ponto de vista ontológico, o Homem é um ser intrinsecamente exilado, desde logo, porque é um exilado do tempo, desde logo da sua própria infância (exílio ontogenético), já do ponto de vista circunstancial, histórico, reconheceremos o exílio em diferentes situações que implicaram ou um abandono (forçado ou voluntário) do solo natal, ou um distanciamento relativamente à comunidade de

pertença (exílio interior). Por outro lado ainda, o exílio tem funcionado como conceito-síntese e operativo da condição do homem moderno, dadas as suas relações com o pensamento moderno social e filosófico (vd. a alienação marxista ou o inconsciente freudiano, ou ainda o “transcendental desabrigo” (*trascendentale Obdachlosigkeit*) em George Lukács, via filosofia hegeliana.

A constituição das nações modernas, as lutas políticas, a organização dos impérios coloniais europeus provocaram várias situações de exílio já no século XIX, embora as deslocções massivas, por razões não apenas políticas, mas também raciais, étnicas, religiosas e económicas, tenham adquirido particular importância ao longo do século XX, envolvendo tanto a Europa como os demais continentes.

Relativamente às variadas acepções do termo “exílio” há que ter consciência, por um lado, dos seus contornos metafóricos, nomeadamente em algum do pensamento crítico contemporâneo (veja-se, por exemplo, o suporte de referência e a metalinguagem de Maurice Blanchot quando se refere ao exílio do poeta (moderno)¹⁹ e, por outro, há que cotejar alguns termos como “exilado”, “banido” ou “homo sacer”, “deportado”, “expatriado”, “emigrante”, “apátrida”, “refugiado”, “diaspórico” e ainda de “desenraizado” ou “clandestino”, a fim de atentar nas respectivas acepções históricas ou legais. De destacar ainda que qualquer das nomeações desenvolve sempre uma percepção subjectiva identitária, dirigida sobre si mesmo e/ou sobre o Outro.

Compulsados alguns sentidos históricos e definições dicionarísticas de exílio/exilado,²⁰ perguntar-nos-emos sobre a possibilidade de falar de “exílios

¹⁹ «Le poète est en exil, il est exilé de la cité, exilé des occupations réglées et des obligations limitées, de ce qui est résultat, réalité saisissable, pouvoir [...]».

Le poème est l'exil, et le poète qui lui appartient, appartient à l'insatisfaction de l'exil, est toujours hors de lui-même, hors de son lieu natal, appartient à l'étranger [...].

Cet exil qu'est le poème fait du poète l'errant, le toujours égaré, celui qui est privé de la présence ferme et du séjour véritable. » (Blanchot, 1988 :322).

²⁰ Por exemplo, ainda na Antiguidade clássica discutia-se muito se o exílio deveria ser considerado um exercício de direito ou uma situação penal. Cícero, por exemplo, apontou para o sentido de refúgio do exílio: «Exilium non supplicium est, sed perfugium porturque supplicii».

Na leitura contemporânea de Giorgio Agamben, não se trata nem de direito nem de pena, mas de um “estado de excepção”, e o exílio, em vez de ser uma figura política marginal, designa um conceito filosófico-político fundamental, na mediada em que é a “figura da vida na sua imediata e originária relação com o poder soberano” (Agamben, 1996).

genuínos” (Neubauer, 2009: 225) e discutir-se-ão tanto as diferentes razões de ser como os limites de algumas distinções terminológicas, quando confrontadas com casos históricos como os dos “emigrados” da Revolução Francesa (ligados à chamada “littérature de l’émigration”), ou dos intelectuais emigrantes/expatriados alemães que deram origem à *Exilliteratur* (Robert Musil, Bertolt Brecht, Alfred Döblin, Hermann Hesse, Stefan Zweig, Thomas Mann...), ou ainda como o caso dos e/migrantes quer durante o colonialismo, quer a seguir às descolonizações.

Tendo como ponto de partida a crítica culturalista de Caren Kaplan em *Questions of Travel. Postmodern Discourses of Displacement* (1996)²¹, serão brevemente apresentados alguns dos principais vectores por que se tem regido o uso do “exílio” no pensamento teórico contemporâneo²², tanto na tradição da crítica modernista como na linha pós-moderna dos pós-estruturalismos, em articulação com alguns outros conceitos como o de “expatriação”, de “migração”, de “deslocação” e de “diáspora” (vd. Adorno, Said e Clifford).

Face à proliferação bibliográfica sobre determinadas figuras da experiência da deslocação, este enquadramento do exílio no pensamento contemporâneo procurará que os estudantes percebam a importância de discernir tanto os pressupostos, epistemológicos e ideológicos, como as principais linhas de desenvolvimento dos diferentes discursos críticos (desconstrucionistas, marxistas, pós-modernos a-historicistas...) sobre estas problemáticas, de molde a contextualizar e a entender a relatividade e os propósitos de cada uma das perspectivas.

➤ **Exílios no século XX**

Sendo um dos objectivos deste programa demarcar-se de uma perspectiva única e deshistoricizada do exílio, e movendo-se o trabalho do comparatista num espaço crítico entre contexto(s) e conceito(s), recorrer-se-á a documentação, inclusive visual, para contextualizar alguns dos principais acontecimentos que estiveram na

²¹ Em especial, o capítulo “Traveling theorists”, *op.cit.*, pp.101-142.

²² Voltar-se-á a este aspecto no terceiro momento do programa.

génese das principais vagas de exílio europeu (mas não só) do século XX e que, dum modo geral, ou não fazem de todo parte dos conhecimentos dos nossos actuais estudantes, ou limitam-se a algumas e vagas referências. Naturalmente, dar-se-á maior ênfase às circunstâncias ou contextos históricos que se articulam directamente com os escritores e os textos literários constantes no programa, de maneira a sensibilizar os estudantes tanto para as remissões históricas como para as refacções subjectivas de determinados acontecimentos nas obras, lembrando assim, com Walter Benjamin, que o passado é um facto de memória, ou seja, um facto, psíquico e material, em movimento.

Aproveitar-se-á ainda para sublinhar que a evocação de factos históricos não funciona aqui como um plano de controlo do grau de veracidade do(s) exílio(s) nos textos convocados pelo programa, pois nunca se deverá esquecer a construção cognitiva e discursiva a que obedece a referencialidade literária. Se bem que os estudantes de formação literária devam já estar suficientemente conscientes do facto de os “quadros de referência” dos textos literários não poderem ser encarados como simples decalques do real empírico, esta constituirá certamente a altura ideal para relembrar a uns, ou para expor a outros, de formação curricular distinta, alguns dos pressupostos cognitivos e comunicacionais da complexa articulação entre “texto” e “mundo”, a partir da reflexão ricoeuriana em torno da “tripla mimésis”, e particularmente da sua alínea sobre as relações entre narratividade e referência (Ricoeur, 1983: 117-124).

A evocação de algumas referências históricas subjacentes às representações de exílio no século XX visará, em última instância, levantar uma questão de fundo que tem a ver com as relações entre História e Literatura, mais concretamente, entre os discursos da história e da ficção, e cuja discussão de princípios e de relações nos acompanhará à medida do desenvolvimento do programa e da exploração da bibliografia crítica paralela. Haveremos de perguntar, por exemplo, até que ponto será sempre possível enquadrar a “literatura de exílio” no domínio da “narrativa não referencial”, ou até que ponto aquela pode ser considerada como exemplo de uma “mise en intrigue” que faz interagir “récit fictionnel” e “récit factuel”, na terminologia genettiana (Genette, 1991).

A análise das obras convocadas pelo programa, o equacionar de alguns conceitos teóricos e de alguns discursos críticos que com elas se relacionam, ajudar-nos-ão a entender até que ponto a “literatura de exílio” concorre para o desenvolvimento de perspectivas interdisciplinares sobre o século XX, e em particular para o estudo de um aspecto ou de um ângulo, até certo ponto excêntrico ou marginal às literaturas nacionais; para a análise do fenómeno literário numa perspectiva supranacional, nomeadamente no que toca às relações entre intencionalidade estética e isotopias referenciais; e ainda para o aprofundamento de um novo humanismo, se tivermos em conta que o exilado do século XX muitas vezes prefigurou o “homme mêlé” de Montaigne (Sabbah, 2009:11).

➤ ***A tradição do desenraizamento cosmopolita***

No quadro da tradição moderna, baudelairiana²³, de busca de novidade, de apelo ao desenraizamento, de atracção pelos grandes centros urbanos e cosmopolitas onde se desenvolveram os modernismos das primeiras décadas do século, é possível reconhecer não propriamente um movimento ou escola, mas “uma família espiritual de escritores “desenraizados” que optaram ou por “uma estratégia de permanente exílio” ou, noutros termos, por um auto-exílio em cidades como Paris, Londres, Berlim ou Genebra. Esta forma de exílio voluntário, de expatriação, que faz parte dos hábitos de um cosmopolitismo concebido ainda como parte integrante da Nação, representava a maior parte das vezes uma viagem iniciática para intelectuais em busca de si mesmos, ou à procura de novos enquadramentos para os seus projectos artísticos. Aliás, esta prática vem já na linha de uma certa tradição romântica de recurso ao exílio como experiência de enriquecimento estético (vd., por exemplo, Coleridge e Wordsworth).

O desenraizamento cosmopolita esteve fundamentalmente ligado aos hábitos de uma elite intelectual que sempre buscou nas viagens mais ou menos prolongadas

²³ Alguns dos seus poemas em prosa, como “L'étranger” ou “Le Port”, poderão ser evocados para mostrar como as figuras do estrangeiro e do exilado se tornaram emblemáticas da condição moderna.

(lembre-se, a propósito, a tradição do “Grand Tour”, que remonta já ao século XVIII, ou as viagens ao continente africano e ao Oriente) uma oportunidade de evasão formativa, uma forma de distanciamento não apenas físico, mas também e, sobretudo, interior. De acordo com a leitura de Caren Kaplan, sublinhar-se-á que os expatriados euro-americanos da classe média adoptaram os atributos do exílio como uma ideologia da produção artística (Kaplan, 2005:28).

Mas, aquela que foi apelidada como “Literatura do desenraizamento” (Karátzon/Bessière, 1982) engloba, além dos escritores americanos da “Lost Generation” (Gertrude Stein), de espírito cosmopolita e em busca do alento da tradição europeia, outros autores e obras difíceis de classificar, desde logo do ponto de vista nacional e muitas vezes também linguístico (Joyce, Beckett, Nabokov, Ionesco, Gombrowicz, Conrad, Kafka, Musil...) ²⁴. Porque associam a “literatura do desenraizamento” às vanguardas e às suas aventuras de criação propositadamente independente das circunstâncias externas, os autores de *Déracinement et Littérature*, começam por distingui-la de duas tradições literárias: a do internacionalismo e a da emigração (*op.cit*: 7). Acentuam ainda o facto de tanto autores como personagens serem indivíduos fundamentalmente deslocados, em ruptura com a sociedade em que se integram e com a cultura dominante do seu tempo. Concretamente no seu “Essai sur le déracinement dans la prose narrative européenne”, Karátzon aponta para uma distinção entre dois tipos de escritores e dois momentos da literatura do século XX: por um lado, o escritor que, partindo do seu plano pessoal de desenraizamento, descobre o desenraizamento da literatura e, por outro, aquele que funda a sua prática da escrita a partir de extrapolações teóricas da experiência desenraizada. *Grosso modo*, esses dois tipos de escritores corresponderiam a dois momentos da literatura no século XX: o primeiro que vai da primeira década do século até aos anos 60 e o segundo a partir de então (*idem*: 34). De notar que os estudos reunidos em *Déracinement et Littérature* privilegiam os autores/obras onde existe um “parti pris” de desenraizamento, ou seja onde este não se apresenta apenas como condição externa, mas desenvolve também um trabalho estético a partir dessa condição. Para Jean Bessière, que se debruçou em especial sobre a literatura da chamada “Lost

²⁴ Para a importância de autores exilados/emigrados na literatura inglesa do século XX (Conrad, Eliot, Henry James, Joyce...), lembrar-se-á o estudo seminal de Eagleton (1970).

Generation”, a literatura do desenraizamento representaria de algum modo o último avatar da literatura do exílio, já não geográfico e espiritual, mas antes como um modo de funcionamento da própria escrita (Bessière, 1982:86), marcado pelo desinvestimento psicológico e pelo apagamento da tipologia cultural que contribuem para a reforma do sujeito criador, passando este a emergir como eu imperial e impessoal (*idem*: 103). Note-se, contudo, que o referido ensaísta salienta que continuaram a existir ou a persistir algumas figuras de retorno nas obras daqueles *autores, interpretadas como sinais “regressivos”*(*idem*: p.110).

Por fim, importará realçar que aquilo que começou por ser uma experiência voluntária de cosmopolitismo dos, por isso mesmo chamados “faux exilés”, acabaria por tornar-se, nalguns casos, num verdadeiro exílio político, como aconteceu com o escritor argentino Júlio Cortázar.

➤ ***As Guerras, o holocausto e a(s) diáspora(s)***

O século XX, “Era das catástrofes e genocídios”(Seligmann-Silva, 2003), deu origem a inúmeros refugiados, emigrantes e exilados, por razões políticas e/ou económicas. As dimensões desses e doutros fenómenos migratórios ao longo do século XX fizeram com que o termo “diáspora” deixasse de se reportar exclusivamente ou sobretudo à dispersão do povo judeu, e passasse a ser utilizado também para designar, em geral, as comunidades de indivíduos deslocados das suas pátrias.

Do ponto de vista específico das consequências culturais destas deslocações forçadas pelas circunstâncias, lembrar-se-á desde logo todo um património testemunhal híbrido da emigração massiva dos intelectuais espanhóis, no decurso da Guerra Civil em Espanha; da fuga dos judeus e dos opositores políticos à perseguição do Terceiro Reich na Alemanha e às políticas anti-semitas de vários outros países da Europa Central e Oriental; da deportação de determinados grupos étnicos e minorias, desterrados nos campos de concentração; da fuga à Guerra e ao regime colaboracionista em França por parte de vários intelectuais e artistas franceses que se refugiaram no continente americano, especialmente em Nova Iorque.

➤ ***Os regimes totalitários e as ditaduras***

Após 1945, a Rússia soviética, os países comunistas da Europa Central e Oriental, os regimes franquista e salazarista, as ditaduras militares na Grécia, na Turquia ou no Brasil continuaram a forçar os seus opositores ao exílio, de modo directo ou indirecto. Nalguns casos, tratou-se de autênticos êxodos, sobretudo para a Europa Ocidental e para América do Norte, como aconteceu com os checoslovacos e os polacos. Também muitos dos cenários políticos na América do Sul colocaram os escritores hispano-americanos perante as três famosas possibilidades “destierro, encierro o entierro”, pelo que a primeira representava sempre a um mal menor, tanto mais que abria ainda a possibilidade de levar a cabo uma resistência e acção oposicionistas a partir do estrangeiro.

Ao longo dos últimos anos, têm sido ainda muitos os regimes ditatoriais e persecutórios no mundo a levar, directamente ou indirectamente, ao exílio escritores e artistas, a par de outros elementos da população civil, o que acaba por contrariar a ideia de que a Literatura da “Lost Generation” tenha sido o último avatar da Literatura de exílio.

➤ ***Contextos coloniais e derivas pós-coloniais***

Também os impérios coloniais deram origem a experiências de exílio que, se do ponto de vista estritamente territorial ou nacional, serão considerados como “exílios internos”, uma vez que as deslocações que os potenciavam ocorriam no interior da mesma nação, já em termos geográficos e culturais, correspondiam a inevitáveis rupturas, tanto ou mais fortes, consoante as experiências a que estavam sujeitos quer colonizados quer colonizadores, e de acordo com o sentido da deslocação: da metrópole para as colónias ou vice-versa. Ainda que deva sempre ser acautelada a especificidade dos diferentes contextos coloniais, não confundindo por exemplo, os

hábitos de colonização britânica e portuguesa, são de considerar como experiências exílicas muitas das deslocações – voluntárias ou mais ou menos impostas - ocorridas no quadro do colonialismo, bem assim como na sequência das sucessivas descolonizações.

As sequelas sociais e económicas dos impérios coloniais e dos processos de descolonização, bem assim como as múltiplas consequências de uma economia de capitalismo global desencadearam, à escala mundial e ao longo das últimas décadas do século XX, diferentes fluxos de emigração que foram fomentando sentimentos vários de exílio ou de desenraizamento. Daí têm resultado processos identitários complexos que abrangem já mais do que uma geração e que reportam, genericamente, para questões de relação entre o sujeito e o espaço, sobre as quais se debruça grande parte da Literatura pós-colonial, entendendo por esta não apenas a que se produziu a seguir às descolonizações, mas também aquela que, tendo-se desenvolvido durante o colonialismo, se desvinculava de uma visão imperialista do mundo.

Aulas nº 5 e 6 :

NARRATIVAS DE EXÍLIO: LINHAS DE FORÇA EM DISCURSOS DE LIMINARIDADE

➤ *Literatura de exílio: entre singularidade e transversalidade*

Deverá desde o início ficar claro que os tópicos de análise desenvolvidos ao longo das aulas seguintes não pretendem formar uma grelha de leitura para aplicação mecânica à “Literatura de exílio”, no sentido de conjunto de textos literários onde a temática do exílio é significativa ou apresenta uma proeminência estruturadora. Nem a diversidade de contextos históricos envolventes, nem as diferenças nas configurações literárias envolvidas, tornam exequível ou mesmo desejável qualquer tipologia

totalizante. Não obstante, e porque se procura aqui pensar o exílio, as suas modalidades, relações e consequências identitárias (em termos pessoais, colectivos, culturais e literários), é fundamental que não se fique pelo estudo casuístico ou ilustrativo de algumas obras, mas que se procure explorar alguns traços transversais de construção, no sentido de contribuir para uma fenomenologia literária (artística) do exílio.

Assim, e ao invés de uma análise individual e sequencial das obras (*Se isto é um Homem, Le Grand Voyage, L'Ignorance, Vertigens. Impressões*²⁵, *Rafael*), opta-se por uma abordagem simultânea e transversal, mediante diferentes ângulos e tópicos que nos possibilitem aprofundar e relacionar os sentidos para que apontam estas representações literárias de exílio.

A liminaridade envolvida num *corpus* textual presidido pela temática do exílio é, antes de mais, uma liminaridade cultural, na medida em que estão em causa obras que, a despeito da sua fortuna literária, se apresentam sempre na fronteira, não apenas ou essencialmente numa fronteira geográfica, mas nos próprios limites do sistema literário, comprometendo não raro as suas divisórias discursivas, genológicas, culturais e, por vezes, mesmo linguísticas.

➤ ***Entre testemunho, silêncio e diferimento***

Da apresentação geral dos escritores que mais vezes serão convocados ao longo das aulas seguintes, ressaltará o facto de todos terem vivido uma experiência de ausência prolongada do país natal, mesmo se por vezes não a consideraram como “exílio”, como foi o caso do escritor alemão W. G. Sebald que, depois de ter vivido na Suíça, estava radicado na Inglaterra, quando aí faleceu, em 2001, por acidente. Se bem que desvinculados do positivismo da crítica biografista e conscientes da falácia intencional ou genética que leva a confundir a obra com as suas origens, não poderemos ser indiferentes ao facto de uma determinada circunstância da vida dos

²⁵ Debruçar-nos-emos especificamente sobre a quarta e última secção desta recolha heterogénea, mas porosa, de textos: “*Il Ritorno In Patria*”.

escritores se manifestar, por vezes, como moldura do seu universo literário, ao ponto de desenvolver uma declarada forma de literatura testemunhal ou de resistência. Para Primo Levi, por exemplo, é muito evidente a relação entre o exílio – concretamente a experiência no *Lager* - e a decisão de se tornar escritor (cf. Appendix in *Se isto é um Homem*).

No âmbito desta articulação entre os textos e os seus autores, aproveitar-se-á para chamar a atenção para as incidências das circunstâncias relativas ao percurso dos escritores a nível dos paratextos e no que estes desencadeiam, ou podem desencadear, em termos de recepção das obras e das relações estabelecidas entre narrador, autor textual e autor empírico (Genette, 2002).

Por outro lado, debruçar-nos-emos sobre a importância que o *testemunho*, seja de alguém directamente implicado num acontecimento e que a ele sobreviveu (*superstes*), seja de um terceiro (*testis*), adquiriu nos últimos anos e, seguindo o repto de Márcio Seligmann-Silva em *História, Memória, Literatura. O testemunho na Era das Catástrofes*, indagaremos sobre algumas das suas consequências no reequacionar de concepções poéticas e de teorias do género (Seligmann-Silva, 2003:63), com destaque para as configurações que a literatura pós-moderna tem desenvolvido, no seguimento dos proclamados “regressos”, tanto ao “real” como ao “sujeito”.

Dever-se-á sublinhar que aqui “Literatura de testemunho” (onde incluímos *Se isto é um Homem* e *Le Grand Voyage*), não significa *imitação* da realidade, mas sim “manifestação” do “real” (Seligmann-Silva, 2003a: 386), ainda que não esteja em causa operar uma distinção com a mesma radicalidade melancólica com que Walter Benjamin, no seu ensaio sobre “O Narrador”, declarava que a arte de narrar estava em extinção por, alegadamente, já não existir capacidade de trocar experiências (Benjamin, 1992:28). Embora o ensaísta apontasse o choque da Primeira Guerra Mundial como o início de um processo de emudecimento, de dissolução da experiência e do relato, as suas razões mais profundas viriam já muito de trás, e coincidiriam com o advento do romance, no que este pôde representar de divórcio entre experiência e narração, entre corpo e voz. Com efeito, no referido texto,

Walter Benjamin, lúcido analista de uma certa modernidade, defendia que, tendo acabado a relação artesanal do narrador com a vida humana, todo o relato se tornara problemático, se não mesmo impossível.

Ora, a “Literatura do testemunho” desvia-se dessa conclusão radical, embora não possa deixar de viver com a sua sombra, sobretudo quando o testemunho se debate com o intestemunhável, como aconteceu com os campos de concentração, onde as “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas integrais”, *der Muselmann*, na gíria de Auschwitz, não puderam testemunhar (Agamben, 1999: 43).

A reflexão levada a cabo por Giorgio Agamben sobre a figura da testemunha (in *Quel che resta di Auschwitz. Homo sacer III*), servir-nos-á como ponto de partida para uma articulação entre “Literatura de exílio” e “Literatura testemunhal”, o que, por sua vez, nos permitirá enfatizar o facto de a “Literatura de exílio”, quando supõe o testemunho e a sua dualidade essencial de acto de “autor” (Agamben, 1999:197), estar sempre sujeita a um *double bind* ou espaço intersticial de forças, senão completamente opostas, pelo menos tensionais: palavra-silêncio; memória-esquecimento; real-ficção; individual-colectivo. Em causa estão fundamentalmente ficções do “depois”, onde o testemunho não surge como antítese da ficção mas como aquilo que leva a reconstruir a herança cultural e estética à luz desse choque ou trauma (Bessière/Maár, 2005).

➤ **A (in)evitabilidade do testemunho**

Feito o enquadramento da reivindicação, ocorrida nas últimas décadas, de uma dimensão subjectiva em diferentes áreas que vão da História, à Sociologia, aos Estudos Culturais, deter-nos-emos sobre alguns exemplos da ascendência literária dessa “guinada subjectiva” (Sarlo, 2007), bem assim como nalguns dos seus efeitos em termos de tendências actuais no campo literário e cultural (vd. a proliferação da chamada Literatura não ficcional, de memórias, autobiografias, biografias, ou de géneros híbridos como autoficções).

Conviver com a separação, a perda ou a distância, mesmo que, porventura, não disfórica, representa sempre uma experiência traumática, ou seja estruturante ou neurótica, na acepção freudiana do termo que remete para o “regresso do recalado” e para a “repetição compulsiva”. O exílio integra-se por conseguinte numa dessas experiências traumáticas, relativamente às quais a memória e o testemunho emergem sob o signo quer da necessidade quer da impossibilidade.

Por um lado, a linguagem vai tentar conformar (dar uma forma) àquilo que, a nível da experiência, extravasou da compreensão e, nesse sentido, a linguagem, o discurso do testemunho, que é sempre um acto de um “autor” (Agamben, 1999: 197), vai procurar substituir ou cobrir um trauma, uma ferida, uma ausência. Por outro lado, a própria escrita vai confrontar-se permanentemente com a resistência à representação, ou seja, com a desproporção entre a experiência e a narração, tanto pela insuficiência da linguagem, como pela eventual inverosimilhança dos factos ao olhar do(s) leitor(es). No fundo, essa resistência à representação ou esse testemunho (im)possível decorrem do facto de o próprio sujeito do testemunho ser estruturalmente cindido, dessubjectivizado, porquanto congrega em si mesmo, e de modo inextricável, a possibilidade e a incapacidade de dizer (Agamben, 1999:198-199).

Equacionado o paradoxo que estrutura o testemunho de uma experiência traumática como a do exílio, importará também sublinhar a intervenção de um compromisso ético, intersubjectivo, pelo qual o escritor exilado (ou que viveu o exílio) tem muitas vezes “necessidade de [o] contar aos “outros” (vide Primo Levi, Jorge Semprun, Manuel Alegre). Nesses casos, existe uma estrutura comunicacional de base que acaba por enformar as estratégias narrativas da literatura de exílio. Deslocado(s) de uma comunidade de pertença, é com a sua narrativa que o autor e/ou as suas personagens são capazes de recuperar o acesso à colectividade ou o direito à comunidade.

Mas, curiosamente, esse desejo de partilha, essa necessidade de (re)criação de comunidade pelo acto de contar esbarram, muitas vezes, com a indiferença, o alheamento ou ignorância por parte daqueles que eram outrora próximos do exilado. Esse fenómeno surge, aliás, contemplado nas diferentes fases que Annette Wieviorka

(1998) apresenta para a história do testemunho: num primeiro momento, logo a seguir à guerra (a citada historiadora refere-se concretamente à Segunda Guerra Mundial), as testemunhas querem ou gostariam de lembrar mas não chegam a ser ouvidas; passa-se depois para os testemunhos solicitados numa perspectiva legal, e só numa terceira fase, o testemunho passa a manifestar-se como imperativo social e não apenas como uma necessidade interior. No caso concreto da Literatura, o testemunho surge aí associado sobretudo à primeira e terceira fases enunciadas, e faz-se normalmente acompanhar de interferências ficcionais, que criam uma estrutura de oxímoro a assinalar que a verdade só é possível mediante as condições da ficção (Bessière, 2005).

Nas obras em análise, a falta de receptividade (efectiva ou projectada) do testemunho faz parte dos sonhos, ou melhor, dos pesadelos constantes do exilado (vd. *Se Isto é Um Homem*, *L'ignorance* e *Rafael*), fazendo dele alguém que está dupla ou definitivamente à margem, se não da pátria, no sentido físico do termo, pelo menos à margem da comunidade que aquela representa.

➤ ***O dever da memória e do esquecimento***

Por norma, a Literatura de exílio, quando esteve efectivamente associada a circunstâncias históricas de exílio, ou quando foi mesmo literatura escrita *no* exílio, reagiu à ameaça do esquecimento imposto pelos regimes totalitários ou ditatoriais do século XX. Deter-nos-emos em Milan Kundera enquanto um dos escritores que introduz essa questão no seu universo romanesco, designadamente em *L'Identité* (1998), em continuidade de um fresco que, tendo como referência a antiga Checoslováquia (e de um do geral a chamada Europa de Leste), inclui outros romances como *La Plaisanterie* (1968), *La vie est ailleurs* (1973) ou *le Livre du rire et de l'oubli* (1979) .

De resto, o modo de resistência dos escritores exilados passou muito pela enunciação/denúncia daquilo que os regimes dos seus países de origem tenderam a escamotear, por estratégia e imposição, ou que os circunstancialismos históricos acabam por arrastar por desígnios mais ou menos planeados e inconfessáveis. Daí o

enunciado performativo daqueles que consideram que *Se taire est impossible* (Semprun/Wiesel, 1995) e que vêem na literatura, no trabalho com a escrita, a melhor forma de assegurar a transmissão da memória.

O compromisso ético da literatura de exílio, a que já atrás se fez referência, radica assim em grande medida nessa consciência do dever de perpetuação do sentido da experiência dos limites, em particular do que se passou nos campos de concentração, espaço de exceção e *nomos* ou paradigma bio-político da modernidade, como lhes chamou Giorgio Agamben (1997:183).

No entanto, e como já tem sido explorado em várias frentes, a memória não é um simples reverso do esquecimento. O trabalho da memória, que pressupõe sempre uma selecção, interage quer com o apagamento ou esquecimento, quer com a conservação, tal como o reflectiram e expuseram autores cuja leitura importará invocar, como Paul Ricoeur (2000) ou Tzvetan Todorov (2004). De modo premeditado ou inconsciente, o escritor exilado lida com essa selecção, pelo que a Literatura de exílio se, por um lado, recupera uma certa faculdade épica associada à memória (W. Benjamin), por outro, não pode ser confundida com a História, no que esta pressupõe de princípios metodológicos de estudo do passado mais ou menos longínquo.

Na Literatura de exílio existe por vezes um pacto de esquecimento (“Muitas coisas então foram ditas e feitas entre nós; mas é bom que delas não se guarde memória” – escreve Primo Levi in *Se Isto É Um Homem*), o que significa que o esquecimento não é um lapso ou um acaso passivo, mas uma atitude de renúncia, de despojamento, isto é, de quem sabe que só pela ausência/silêncio pode abarcar o trauma, ou ainda de quem opta por arredar do horizonte narrativo esses vincos do passado.

À partida, a Literatura de exílio nasce de, ou contempla um compromisso com a História, isto é, com um universo de referências que balizam a sua condição de marginalidade. Não obstante, também é certo que a própria acção da escrita representa uma ocasião de abertura para além da realidade histórica. Por isso mesmo, acontece o sujeito exilado (nomeadamente o sujeito poético) prescindir ou negar os referenciais históricos constitutivos do “eu”, para se integrar, sob forma de uma

peregrinação escritural, numa ordem atemporal e atópica que permite a reinvenção da memória e da identidade.

Far-se-á, de resto, notar que a literatura de exílio é particularmente permeável a uma performatividade da memória que, frequentemente, se manifesta pelo cruzamento da narrativa e da reflexão, da ficção e do ensaio, como comprovam as obras e os autores evocados pelo programa.

➤ ***Do indizível***

Momentos há em que as narrativas do exílio se tornam “narrativas do indizível”, ou seja, narrativas que estão aquém ou além do representável, que dizem que não se pode dizer tudo, que sugerem um real não referencial (Nouss, 1998: 205). Essa capacidade de mostrar o que não pode ser dito, de acordo com o conhecido aforismo do *Tractatus* de Wittgenstein, impõe-se como uma forma de resistência àquilo que seria simplesmente o silêncio ou a ausência. Nas narrativas em estudo, destacar-se-ão os efeitos dessa resistência ou modos de acolhimento do indizível: os fragmentos, as interrogações, as interrupções, as repetições...

Em especial a literatura ligada ao Holocausto ou à *Shoah*, concretamente os relatos dos deportados que conseguiram regressar dos campos de extermínio, representam um género de difícil definição no espaço da literatura, já que perturbam o que é da ordem do testemunho e o que é da ordem da ficção (Guerreiro, 2000: 214), além de levantarem outras questões que se prendem com a (im)possível estetização do sofrimento ou da catástrofe e que podem/devem ser motivo de discussão com os estudantes (vd. a propósito o texto-testemunho “The Audacity of Aesthetics: The Post-Holocaust Novel and the Respect for the Death” (Rosenbaum, 2006: 489-495). Será, portanto, ocasião de lembrar a famosa sentença de Adorno sobre a impossibilidade de escrever poesia após Auschwitz, para deixar sublinhado, na linha do que o próprio filósofo viria mais tarde a esclarecer, que nela não está em causa o facto de se continuar a escrever (poesia), mas o de recorrer a uma estilização artística do traumático.

Assim, é sob a égide quer da tensão entre aquilo que é dito e aquilo que é silenciado (pulsão de vida e de morte), quer da contenção retórica, que poderemos entender, por exemplo, a opção pela sobriedade de um Primo Levi (que sempre manifestou a preocupação em não fazer obra literária mas, sim, em testemunhar), ou algumas referências (auto-)irónicas e metaliterárias dos autores de *Le grand voyage* e de *Rafael*, relativamente ao uso de alguns artifícios literários.

➤ **Narrativas póstumas**

Se para alguns escritores (e não só), a própria possibilidade do exílio já funcionou como uma espécie de vida póstuma, tal como o lembrou uma das poucas escritoras exiladas, María Zambrano, para outros, tanto a representação literária do exílio como a sua publicação surgem muito depois da vivência do próprio exílio.

Elie Wiesel redigiu o seu testemunho – *Nuit* - dez anos após a libertação do campo de concentração de Auschwitz. Primo Levi, apesar de ter escrito *Se Isto É Um Homem* pouco depois da sua libertação, aquele não viria a ter grande impacto na primeira edição, logo em 1947. A publicação pela Einaudi, em 1958 - editora que antes o havia recusado - representa em rigor uma reescrita, de que resultam as actuais edições e traduções. Entretanto, *A Trégua*, uma continuação de *Se Isto é um Homem*, só viria a surgir quase vinte anos depois, em 1963, no mesmo ano em que Jorge Semprun publica *Le Long Voyage*, narrativa que remete para a sua deportação para Buchenwald, duas décadas atrás, altura em que iniciou um livro que logo abandonaria.

Por sua vez, Manuel Alegre escreve em 2003, *Rafael*, inspirado no seu próprio exílio vivido quarenta anos atrás, na década de 60... Esta forma de diferimento, a que se associa outro adiamento, em termos de recepção, está longe de poder ser imputada apenas às dificuldades materiais de uma escrita contemporânea dos acontecimentos. Importará discutir as possíveis causas e consequências destas dilações, quando não mesmo do silêncio ou silenciamento, tanto na “mise en intrigue” do exílio, como a nível da sua recepção:

Por que será que o exílio se presta ou à excepcional criatividade ou à apatia, a uma “infinitude anestesiante, fruto da amnésia que provoca”, na análise de Joseph Brodsky (1988:34)? Por que existe, em geral, um lapso de tempo – mais ou menos longo – entre a vivência do exílio e a sua “mise en intrigue”? Até que ponto a ficção e a construção retórica do curso dos acontecimentos reconfiguram discursivamente o tempo e o espaço do exílio através de um biotexto (Robin, 2004), sem o qual a própria história individual se torna inacessível ao próprio sujeito? Será a existência exilada para a Literatura mais fonte do que matéria, mais método de exploração do que objecto, como propõe François Ricard (2003) na sua leitura da obra de Milan Kundera?

Por fim, haverá que referir e explorar o facto de o diferimento da narrativa do exílio envolver muitas vezes as gerações seguintes, que acabam por resgatar esse passado de silêncio sob a forma de pós-memórias (Hirsch, 1997). Para tanto, apelar-se-á a exemplos concretos como o de Henri Rackzymow, filho de emigrantes judeus polacos, que coloca o narrador de *Contes d'exil et d'oubli* (1979) a interrogar o seu avô sobre as suas origens. Ou ainda ao de Nelida Piñon, em *A República dos Sonhos* (2005), onde a história da emigração-exílio dos galegos no Brasil é narrada pela perspectiva quer do avô quer da sua neta, narradora-autora.

Impor-se-á então reflectir sobre semelhanças e diferenças entre memórias, pós-memórias e ficções do exílio, suas configurações estéticas e consequências a nível ético, designadamente a nível do contributo para as (re)construções identitárias, a nível tanto individual como colectivo.

Aula nº 8:

AUTOBIOGRAFISMO OBLÍQUO E DESDOBRAMENTOS FICCIONAIS

Se bem que os escritores convocados pelo programa tenham, na sua maioria, experienciado o exílio, ou melhor, diferentes exílios²⁶, raramente as respectivas obras se referem a esse facto de uma forma directa, sob a forma restrita de declarada autobiografia ou de memórias. Nos livros aqui seleccionados, a informação paratextual de índole genológica ou é omissa (*Se isto é um homem*, Vertigens. Impressões; *Le Grand Voyage*), ou remete para a categoria do romance (*Rafael*, *L'ignorance*).

Nuns casos, estamos claramente perante a fusão entre autor e narrador (*Se isto é um Homem*), embora Primo Levi opte a maior parte das vezes por uma primeira pessoa do plural que aponta para uma memória e um testemunho colectivos; noutros, ou se joga numa ambiguidade críptica (*“Il Ritorno in Patria”* de W.G. Sebald), ou existe um pacto prévio de desvio e distanciamento a desvincular o texto de uma simples análise histórica e biografista, mediante traços de intencionalidade ficcional, nomeadamente da distinção entre os nomes do autor e do narrador/personagem. Por exemplo, Jorge Semprun lembra na sua “autobiografia”, com um título tão sugestivo quanto ambíguo, *L'écriture ou la vie* (sinonímia ou disjunção?), que recorre à ficção e a uma língua que lhe foi, à partida, estrangeira para se defender da opacidade das memórias (Semprun,1994: 296-297). Por sua vez, Milan Kundera, em *Les Testaments Trahis* (1993), declara existir uma “diferença de essência” entre, por um lado, o romance, e pelo outro, as memórias, a biografia e a autobiografia, insistindo ainda na posição de Proust contra Sainte-Beuve, no que diz respeito à valorização da alteridade e do trabalho estéticos (Kundera, 1993:315-319).

Não obstante essas posições autorais, e concebendo a literatura no contexto de um paradigma comunicacional, não poderemos esquecer que os receptores-leitores

²⁶ Tendo em conta uma possível categorização dividida em “condições objectivas de deslocação”, “condições subjectivas de exílio”, “posições objectivas de compromisso” e “posições subjectivas de exilado” (in Giovannonni, 2006: 44-45).

dispõem de algumas informações sobre os emissores-autores (por norma nas próprias contracapas ou badanas dos livros, além de outros eventuais paratextos) que acabam por interferir no modo de ler das respectivas obras. De uma forma mais complexa ou ambivalente do que aquela que preside, por norma, ao pacto de leitura entre um autor e um leitor, supondo aquilo a que Karlheinz Stierle (1979) chamou a “recepção ficcional”, isto é, a suspensão de expectativa relativamente a descrições de um real extralinguístico, nos casos referidos existe como que um ponto de fuga que abre para aquilo a que se poderá chamar um efeito pragmático de autobiografismo oblíquo, ou seja, a possibilidade de reconhecer por detrás do “eu” narrativo, ou de alguns dos factos narrados, biografemas de um autor que não está “nem totalmente *fora* do texto nem *dentro* dele”, uma vez que ele próprio é “fundamentalmente o resultado de uma interacção entre o texto e o leitor” (Buescu, 1998: 43). Esse modo de leitura não tem de ser forçosamente biográfico (busca de informações sobre a vida do escritor ou sobre os seus sentimentos de exilado), mas pode concentrar-se num interesse do indivíduo enquanto autor e das repercussões da sua condição de exilado na sua obra. Compreender-se-á então que este tipo de Literatura de exílio desenvolve-se (e potencia uma recepção) numa fronteira móvel entre testemunho, autobiografia (ficcional) e ficção (autobiográfica), ou noutros termos que retomam o intitulado geral deste programa, entre referência e ficção.

Seja qual for o grau de relação com a experiência dos respectivos autores empíricos, trate-se ou não de narrativas autodiegéticas a funcionarem como uma estratégia existencial de sobrevivência ou como uma possibilidade de recomposição do “eu”, o estudo da focalização narrativa na Literatura de exílio permitir-nos-á equacionar algumas questões atinentes ao modo de enunciação e de enfoque representacional, tendo em vista:

a) Explorar os efeitos de sentido e as modalidades de recepção consoante as estratégias de enunciação narrativa das principais obras em análise;

b) Relacionar com o recrudescimento pós-moderno das formas de “Literatura do eu”, com a sua integração do plano da experiência (*erlebnis*) e com o reavivar da figura do autor;

c) Reflectir sobre as consequências epistemológicas, interdiscursivas e éticas das narrativas assentes na convocatória seja de um pacto autobiográfico, seja de um pacto romanesco ou ficcional, seja da indefinição ou intersecção de ambos.

➤ **Memórias, autobiografias e autoficções**

Ainda no sentido de explorar o estatuto do sujeito nas obras em apreço, na sua relação quer com o texto, quer com o mundo exterior, e concretamente com o leitor, recorrer-se-á a um esclarecimento teórico daquilo que se entende por “espaço literário autobiográfico”, a partir das propostas revistas por Philippe Lejeune, desde *Le Pacte Autobiographique* (1975) a *Signes de Vie* (2005), e que pressupõem passar por “L’autobiographie à la troisième personne” (in *Je est un autre*, 1980) e por “Autobiographie, roman et nom propre” (in *Moi aussi*, 1986). Por outro lado ainda, invocar-se-á o conceito “autoficção”, cunhado por Serge Doubrovsky e entretanto explorado por outros críticos (ex. Gasparini, 2004), de molde a ajuizar até que ponto poderá ele ser profícuo para a análise, na Literatura de exílio, quer de alguns efeitos de coincidência com planos da realidade que extravasam dos textos, quer dos seus desvios ficcionais.

Depois, pelo que significam de momentos contractuais do processo narrativo e de um ponto de partida do exílio para o leitor, serão especialmente analisados alguns dos *incipit* (num sentido alargado dos momentos iniciais) das obras em análise e serão também tidos em conta os sentidos que resultam do cruzamento desses textos literários com alguns dos seus paratextos.

➤ **Focalizações narrativas e descentramentos**

As diferentes focalizações, discerníveis não só pelos pronomes pessoais utilizados, mas também pelos diferentes tempos narrativos, permitirão examinar se (e até que ponto) o discurso literário concorre para o distanciamento crítico, isto é, para

um pensar *de fora* da experiência, descentrando ou aliviando o *pathos* a ela associado, ou, se pelo contrário, concorre para a projecção emotiva, para a actualização e acentuação dramática dos factos narrados.

Procurar-se-á explorar não só o modo como interagem, nas obras de Manuel Alegre, de Milan Kundera ou de W.G. Sebald, o autor empírico, o autor textual e as restantes personagens, como também as identidades narrativas (no sentido ricoeuriano do termo) que resultam dos jogos de espelhos entre sujeito narrativo, autor e personagens, em *Rafael* de Manuel Alegre e em *Vertigens. Impressões* de W.G. Sebald. Até que ponto poderemos dizer estar perante diferentes *personae* que consubstancializam o descentramento subjectivo como avatar de um exílio interiorizado, ou seja, de um exílio que passou a constituir uma estrutura do “eu”?

➤ **Polarizações exílicas**

Mediante uma escolha prévia de excertos de obras dos diferentes autores em escopo, atentar-se-á em efeitos de intertextualidade restrita ou de autotextualidade, analisando alguns aspectos comuns a *Le Grand Voyage, L’Algarabie e La Montagne Blanche*, de Jorge Semprun; a poemas de Manuel Alegre, passagens de *O Homem do País Azul* e *Rafael*, de Manuel Alegre; a *La Valse aux adieux, Le Livre du rire et de l’oubli e L’ignorance*, de Milan Kundera. Procurar-se-á assim realçar o modo como o exílio adquire nestes autores uma vertente de obsessão matricial e como todos os efeitos de descentramento e de polarização culminam naquilo a que poderemos chamar uma “narratividade exílica”, no sentido de construção alicerçada na fragmentação e polarização enunciativas, mais ou menos labirínticas, do sujeito, do lugar e do tempo. Nesse sentido, as diferentes construções de personagens em cada um daqueles autores poderão ser interpretadas como formas de ensaio de uma subjectividade deslocada que não pode definir-se ou reencontrar-se senão por essa forma de dispersão ou de “exotopia”, segundo a terminologia que Mikhail Bakhtine utiliza na sua *Esthétique de la création verbale* (1984), e que significa que a actividade estética pressupõe sempre um primeiro momento de identificação com um outro, antes de um

retorno sobre si mesmo, marcado já por uma reelaboração em termos dos planos ético, cognitivo e estético.

Por fim, discutir-se-á a questão da língua adotada pelos escritores exilados, seja o bilinguismo de Jorge Semprun ou a sucessão de ciclos “checo” e “francês” de Milan Kundera, entre outros casos possíveis. Tais opções, além de resultarem de contingências próprias à situação de um escritor exilado (em busca de público ou de uma melhor integração sócio-cultural), podem também ser encaradas como estratégias ou de distanciamento do autor em relação à língua materna e ao seu imaginário próprio, ou, pelo contrário, de mediação entre os dois universos linguísticos e culturais. Em qualquer dos casos, esses escritores “entre duas línguas” ou com um “imaginário multilingue”, escritores “extraterritoriais” como lhes chama Georges Steiner (2002: 15-25), acabam desse modo por ver acentuado o seu exílio físico, o seu nomadismo errante, à imagem daquele estatuto de errância que Paul Ricoeur associou aos tradutores (Ricoeur, 2004: 18-19).

Aulas nº 9 e 10:

TOPOGRAFIAS DA DESLOCAÇÃO E DA AUSÊNCIA

O conceito modernista de exílio²⁷, cosmopolita e instrumental, que visa a distância transmutada em distanciamento, apresenta várias afinidades com a prática da viagem (Evelein, 2009:17). Com os seus balanços e aporias de civilização, com as suas interrogações existenciais, o século XX foi pródigo em deslocamentos de escritores, de intelectuais e artistas, que muitas vezes acabaram por funcionar como autênticas jornadas iniciáticas, heurísticas ou de descentramento psicológico (além dos já anteriormente referidos, deverão lembrar-se casos como os de Graham Greene,

²⁷ Vd. *supra* “A tradição do desenraizamento cosmopolita”.

Joseph Conrad, V.S. Naipaul ou Bruce Chatwin). Por vezes, haverá a tendência para associar essas viagens ou expatriações (no sentido mais literal do termo) a experiências de auto-exílio, sobretudo quando aquelas se prolonga(ram) no tempo mais do que é habitual para uma viagem de descoberta, de missão ou de recreio. Essa conexão não deixa todavia de levantar algumas questões, na medida em que as condições de criação e de recepção de um escritor-viajante estão normalmente longe de ser iguais às de um escritor-exilado. Se o primeiro tem como adquirida a viagem de regresso, o mesmo não se passa com o segundo, o que não é de todo despidendo em termos das relações com o tempo e com o espaço (como, aliás, se verá mais adiante). Para o escritor-viajante, a deslocação é sinal de um intervalo, não de uma ruptura como acontece com o escritor-exilado, para quem deixa de ser possível, ou pelo menos muito difícil, continuar a contar com um público-leitor, uma vez que, por um lado e em geral, ficam quebrados os laços com o público do seu país, e por outro, não sendo a sua língua materna a mesma do país de exílio, está também impedido de se dirigir aos leitores da terra de exílio, salvo quando decide escrever na língua do país de acolhimento (como aconteceu, primeiro, com Jorge Semprun e, depois, com Milan Kundera). Dito isto, as fundações da própria condição de escritor-exilado são seriamente abaladas, ao contrário do escritor-viajante que viaja para escrever ou que continua a escrever apesar da viagem. Daí que se possa dizer que existe entre viagem e exílio uma relação “contrapuntal” (Forsdick, 2001: 12).

No entanto, já antes se observou que, quer numa perspectiva bíblica, quer numa leitura plutarquiana, o exílio pode também significar ou estar associado a libertação. Então, por que razão se associa à viagem uma série de conotações positivas, enquanto o exílio, independentemente das circunstâncias que o rodeiam, surge por norma como uma experiência penalizadora e sombria? Procurar-se-á investigar e discutir sobre razões possíveis de ordem ontológica e histórica (a que não é naturalmente alheia a tradição literária, religiosa e cultural, como se viu atrás) para uma tal bipolarização, com consequências tanto a nível das relações que o indivíduo deslocado estabelece com os espaços quer de origem quer de destino, como no modo como elas surgem equacionadas nas suas representações literárias (ou artísticas).

➤ *A(s) viagem(s) de exílio*

Tanto a Literatura de viagens como a Literatura de exílio supõem, em princípio, uma deslocação física, uma viagem efectiva que cria uma suspensão de tempo e algum sentimento de ansiedade ou de angústia perante o desconhecido²⁸. Todavia, no primeiro caso, trata-se de uma travessia, de uma passagem, mais ou menos prolongada, guiada por norma pela curiosidade e fascínio pelo espaço estrangeiro, se não mesmo pela busca de algum exotismo, enquanto no segundo, a viagem encetada, obrigatória ou voluntária, é prelúdio de uma desterritorialização, de um habitar sem território ou “fora do sítio”, isto é, à margem quer do seu lugar de origem, quer do espaço em que se encontra. A intencionalidade que preside a cada um dos tipos de viagem condicionará em grande medida a forma não só como ela é vivida/representada, mas também toda a relação com o destino da viagem, ainda que, em qualquer dos casos, o sujeito da viagem passe a funcionar como um sujeito estruturalmente dividido.

Embora os exílios possam implicar mais do que uma viagem, ou várias etapas num mesmo processo de desterritorialização, aquela que dita o afastamento primeiro do indivíduo do seu país natal, das suas origens, fica em geral marcada por uma maior ansiedade, se não mesmo pelo perigo. Trata-se de um ponto nevrálgico da experiência exílica que, de algum modo, reedita uma separação originária, de valor arquetípico.

Do ponto de vista da representação, não é obrigatório que haja dessa viagem nuclear um grande destaque nas narrativas de exílio. Por vezes, existe apenas o silêncio, o vazio, ou um ou outro pormenor que emerge da memória como uma metonímia simbólica. De qualquer modo, não é apenas essa primeira viagem que o exílio comporta. Além da normalmente desejada, mas incerta, viagem de retorno (que não deixa de constituir um módulo do próprio exílio, como se verá em aula seguinte), podem também existir outras viagens realizadas durante o período de exílio, além daquelas, habituais e imaginárias, que todo o exilado faz às suas origens e que, até

²⁸ Note-se que esta aula poderá (e deverá interagir), de modo particular, com os conhecimentos que os estudantes, em princípio, deverão ter adquirido em “Literatura de viagens”.

certo ponto, representam um exílio dentro do exílio, seja como lenitivo e/ou como trauma.

A exploração destas viagens de exílio permitir-nos-á aceder às subtis transformações na subjectividade do indivíduo, na percepção de si mesmo, na reconquista de uma identidade, tal como é próprio em qualquer processo de viagem, que implica confronto com o Outro, com o diverso, e que desencadeia sensibilidade às mudanças e reacções perante quer a familiaridade distante, quer o desconhecido próximo.

Por aquilo que significam de experiência-limite, de viagem ao lado mais negro da modernidade (Agamben), serão particularmente analisadas as passagens sobre as viagens para o (e do) exílio nos campos de concentração, em *Se Isto é um Homem* e *Le grand voyage*. Aprofundar-se-ão os sentidos das viagens (reais e imaginárias) para que remetem tanto *Rafael* como *L'ignorance*, no sentido de explorar a dimensão temporal do exílio que se manifesta através da travessia de tempos a que, de seguida, nos referimos.

➤ ***Inversões do aqui e do além. A memória topográfica***

Quando se exploram alguns dos principais contornos de uma fenomenologia do exílio a partir da sua representação literária, verifica-se que a condição exílica desenvolve uma cronotopia onde se encontram justapostas ou invertidas as categorias da proximidade e da distância. Ao transportar para o presente muito daquilo que diz respeito a lugares e tempos passados, o sujeito exílico habita na discronotopia, na medida em que não só é interpelado duplamente (por mais do que um cronotopo em simultâneo), como acaba por viver a inversão dos pólos ontológicos do aqui e do além. Por isso mesmo, grande parte dos cenários, evocados ou inscritos, funcionam como “paisagens mnemónicas” (Seligmann-Silva, 2003:56) de uma memória em diáspora e de uma “consciência contrapuntística” (Said, 2005: 194).

O exilado encontra-se, assim, numa situação duplamente paradoxal: está separado, quando não mesmo proibido de regressar ao único lugar/tempo com que à partida se identifica, e simultaneamente é-lhe estranho o lugar onde se encontra e lhe é dado viver. A escrita exílica acabará por absorver muito dessa contradição ao revelar-se, por um lado, como transnacional e transcultural, e por outro, a viver muito frequentemente em busca das origens.

Aproveitar-se-á esta problemática para evocar algumas passagens da *Infância Berlimense*, escritas durante o exílio de Walter Benjamin, de modo a fazer notar como aquele pensador central da modernidade passou de um plano meramente casual e biográfico para um plano mais vasto, ao fazer emergir *imagens* que dão conta da “experiência da grande cidade por uma criança da classe burguesa” (Benjamin, 2004: 73). Quer isto dizer que se passou, pela própria escrita, à vertente “necessária e social” das recordações individuais – um processo que se revela importante para pensar aquelas que poderão ser as principais consequências de uma memória topográfica, tanto a nível da libertação da linearidade do tempo (Seligman-Silva, 2003: 79), como da conjugação dos planos individual e colectivo que sempre interagem em qualquer processo exílico.

Através dos fragmentos da memória potenciados pelo trabalho de anamnese da própria escrita, o sujeito exilado vai (re)construindo os lugares onde já habitou, isto é, onde lhe é dado reconhecer a sua ancoragem espácio-temporal, ou seja, onde pode reconhecer um lugar próprio, espiritual. Nesse sentido, o exílio tenderá a hipostasiar tudo aquilo que possa ser, ou possa ter constituído uma mera circunstância, um pormenor do acaso, erguendo a partir daí uma pátria imaginária, uma “mythation” (Nancy, 1990: 29-30) seja para amar, seja para criticar, seja para poder ignorar, mas que – em qualquer dos casos – representa tanto uma compensação, uma resistência ao exílio, através de um outro exílio mental (vd. exemplos em *Rafael*), quanto um adensamento da própria consciência (dolorosa) do exílio (cf. Primo Levi in *Se Isto é um Homem*).

A propósito da presença do exílio na obra de José Rodrigues Miguéis, Eduardo Lourenço escreveu que “ninguém tem mais pátria que aquele que a perdeu e a vive

como perdida”(Lourenço, 1993: 210), pelo que os exilados seriam aqueles cujo desejo configura e demarca a terra natal, ao ponto de a memória da pátria representar o seu próprio substituto. Nesse sentido, deter-nos-emos no valor, não propriamente referencial e museológico da pátria, mas num valor indicial da topografia das origens, esboçada nas obras em estudo (em especial em “*Il Ritorno in Patria*”, em *L’ignorance* e em *Rafael*), e relacioná-la-emos com os outros espaços representados ou evocados.

Neste ponto, uma especial atenção será dada à narração intermedial de Sebald que, ao incorporar fontes narrativas e visuais (fotografias que são autênticas metonímias de sentido), desenvolve uma memória topográfica alternativa, a partir da qual concorrem lugares do passado e do presente, através da simultaneidade e espacialidade dos processos de captação.

Ainda no contexto das funções da(s) memória(s) na literatura de exílio, será analisada a vertente evasiva e relacional da memória intertextual, por exemplo em *Se Isto é um Homem* (na evocação dos cantos III e XXVI do Inferno da *Divina Comédia*), na relação entre Calíope e Ulisses, de Homero, em *L’ignorance*, na alusão à *Utopia* de Thomas Moore em *Rafael*, e na evocação implícita da Opera de Montervedi *Il Ritorno d’Ulysse in Patria* na narrativa de W.G. Sebald em foco.

Aula nº 11:

A NOSTALGIA E AS ILUSÕES DO RETORNO

➤ Nostalgia ou o pathos do exílio

O sofrimento e a agonia causados pelo exílio, no que este significa de afastamento de espaços e seres afectivos, passaram a ganhar nome de patologia no

século XVII - nostalgia (etimologicamente dor do regresso) -, embora essa sintomatologia já estivesse implícita noutras expressões da cultura europeia: “homesickness”, “Heimweh”, “mal du pays”, “saudade”... Estamos assim perante uma profunda e constitutiva melancolia que, cruzando memórias pessoais e colectivas, funciona como uma espécie de alimento espiritual de substituição para o exilado.

Svelana Boym in *The Future of Nostalgia* propõe uma tipologia da nostalgia que ajuda a relevar os seus mecanismos de sedução e de manipulação, distinguindo duas tendências: a nostalgia restaurativa (ou utópica) e a nostalgia reflexiva (ou irónica)²⁹. A primeira, enfatiza o regresso (nostos) e liga-se à verdade, à tradição, ao revivalismo, aos símbolos colectivos e à cultura oral; a segunda, orientada para a narrativa individual, prende-se à dor (algia) e aos sonhos de um tempo-espaço outro que diferem continuamente o regresso, que aceitam e se deixam enamorar pela distância (Boym, 2001:50). De uma forma geral, quer os escritores exilados quer a literatura de exílio (que, lembremos, não se circunscreve àquela que é ditada pela condição existencial dos seus autores) tendem a desenvolver aquela que Boym designa como nostalgia reflexiva. Caberá, a propósito, lembrar a conferência “The condition we call exile”, do poeta de origem russa, Joseph Brodsky, quando este se refere ao escritor em exílio como um “ser retrospectivo e retroactivo” (Brodsky, 1988:22).

De resto, a divisão proposta por Svelana Boym faz lembrar uma oposição já antes invocada, da autoria de Julia Kristeva que em *Étrangers à nous-mêmes* (1988) falou de “ironistas” e “crentes” para se referir àqueles estrangeiros (a ensaísta utiliza a figura do “estrangeiro” para contornar designações mais específicas como emigrante, exilado ou refugiado...) que, respectivamente, se “consomem na dilaceração entre o que já não existe e aquilo que nunca será”, ou se prendem a uma paixão, jamais satisfeita, de “uma outra terra sempre prometida” (Kristeva, 1988: 21). Se é certo que esta leitura de Kristeva é indisfarçadamente crítica em relação ao que de atavismo significa a melancolia nostálgica, já para o sociólogo Maurice Halbwachs que dedicou

²⁹ Os termos entre parênteses remetem para a terminologia que a mesma investigadora havia utilizado antes, em “Estrangement as lifestyle: Shlovsky and Brodsky”, e com que colaborou em *Exile and Creativity* (Suleiman, 1998, p. 241).

trabalhos pioneiros a questões de “memória colectiva”, a memória nostálgica, além de desempenhar um papel importante na construção e continuidade da identidade tanto individual com o colectiva, apresentava a virtude de libertar o indivíduo dos constrangimentos do tempo, permitindo-lhe desfrutar selectivamente do passado.

Neste enalço, caberá também lembrar o conhecido ensaio de Vladimir Jankélévitch, intitulado *L'Irréversible et la Nostalgie*, onde o filósofo francês sustentou que só no seu grau zero, ou seja, na sua forma mais elementar e mais optimista, a nostalgia chega a ser compensada ou anulada pelo regresso (Jankélévitch, 1976:283), uma vez que todo o processo nostálgico por que passa o exilado ou ex-exilado é sempre por demais complexo e perene, como aliás o comprovam várias narrativas de retorno à terra natal, a que nos referiremos mais à frente.

Entretanto, impor-se-á determo-nos na desconstrução da nostalgia que Milan Kundera opera em *L'ignorance* e que já estava também subjacente em algumas das reflexões de *Les Testaments Trahis* (Kundera, 1993: 113-116). Com as suas construções ficcionais, Kundera denuncia o facto de a nostalgia ser, antes de mais, uma imposição social, baseada numa imagem do exilado que, segundo o romancista-ensaísta, releva de uma interpretação *kitsch*, ou seja, de “uma sedução vinda do inconsciente colectivo; uma injunção do sopro metafísico; uma exigência social permanente; uma força”. E é essa força, conclui o autor, que faz desaparecer o rosto do real sob um véu de lugares comuns (Kundera, 1993:176-7).

➤ ***Regressos (im)possíveis do exílio***

Considere-se “o regresso” como um módulo constituinte do próprio exílio, na medida em que este é vivido, também e sobretudo, em função desse (im)possível reencontro com as origens. Se nos perguntarmos pela razão de ser desse fascínio ou obsessão, seremos levados a reconhecer que, antes de mais, o regresso funciona como uma possibilidade de anulação do tempo, de reencontro do passado ou, em última análise, de um estado primordial sonhado. Mais ainda: o “regresso” apresenta-se como possibilidade da repetição que revela ser uma forma de acesso à atemporalidade

ou à eternidade (Eliade, 1989). O regresso à pátria, à terra, à casa, ao lar – sinónimos matriciais - supõe assim um cruzamento entre a verticalidade do “sagrado” e a horizontalidade do social ou do “profano” (Eliade, 1987), dimensões essas que envolvem, ainda que de forma inconsciente, o apelo constante do regresso às origens.

Poder-se-á, então, dizer que o tópico do “regresso” na literatura de exílio faz culminar aquele que é fundamentalmente um espaço de contradições, mantendo inclusive algumas semelhanças com a utopia, na medida em que parte de uma fase de despojamento, se não mesmo de sofrimento, entre o elegíaco (o patético) e o transgressivo (o reivindicativo, a anábase) em direcção a um lugar que é idealmente pensado/sonhado (Dubois, 2009: 35).

Mas até que ponto o exílio poderá significar uma condição sem retorno? Depois de ter existido um grande investimento emocional, uma grande energia mental em torno das memórias/imagens da terra natal, é comum que os retornos de exílio se revelem defraudantes e que o ex-exilado passe a viver, por assim dizer, um segundo exílio, desta feita exclusivamente interior mas não menos penoso, revelado sob a forma de uma “inquietante estranheza” ou *Unheimlich* (Freud, 1985).

Aliás, quando o exílio significou uma expatriação deliberada, mais facilmente o regresso à pátria potencia outra forma de exílio, de afastamento, desta feita em relação a um tempo considerado de aventura, de descoberta e de liberdade, inclusive da liberdade de *performance* do próprio passado. Foi isso que aconteceu, de certo modo, com muitos dos autores da “Lost Generation”, tal como o refere um deles, Malcolm Cowley, em *Exile’s Return* (1934) ou, como viria também a acontecer com muitos (ex)colonos, aquando do seu regresso às metrópoles ou às colónias da sua infância.

Mesmo quando o exílio esteve intimamente associado ao sofrimento e ao perigo (veja-se o caso extremo dos campos de concentração ou, em geral, os exílios durante as Guerras, e sob outro ângulo de provação, o exílio vivido por razões económicas), o regresso à pátria ou à terra natal tão-pouco é linear ou pacífico, isto é, não deixa de provocar algumas tensões e de manifestar alguns sentimentos ambivalentes, já que o ex-exilado se confronta com a impossibilidade de uma linha de

continuidade entre um antes e um depois do exílio em si mesmo, nos outros e no próprio meio envolvente.

Por outro lado, sempre existiram exilados que nunca chegam a empreender a viagem efectiva de regresso, por impossibilidade de ordem prática ou por opção, mais ou menos consciente, de ruptura definitiva, o que por si mesmo demonstra que a relação do exilado com a pátria nem sempre se rege (ou pode reger) por uma lealdade nostálgica.

Apresentados os grandes vectores desta alínea do programa que visa articular nostalgia e regresso, passaremos à análise da representação de regressos do exílio nalgumas das obras que nos terão acompanhado ao longo das aulas anteriores (*L'ignorance* e *"Il Ritorno in Patria"*, a que se acrescentará também o final de *A Trégua*, de Primo Levi³⁰). A exploração dos textos far-se-á a partir dos seguintes tópicos:

- A suspensão do tempo;
- As redes de equívocos e os sentidos de incompreensão e de ignorância;
- A inquietante estranheza (*Unheimlich*) da/pela ficção;
- A alteridade do exilado.

Consoante as possibilidades materiais de tempo, procurar-se-á mostrar e comentar, no final desta aula, pequenos excertos seleccionados de dois filmes (*Nostalgia*, de Andrei Tarkovski e *O Olhar de Ulisses*, de Theo Angelopoulos). Não se pretende oferecer uma simples adenda ou efeito de "ilustração" dos tópicos abordados, mas levar os estudantes a que tenham em conta as relações entre cinema e exílio, presentes não apenas na medida em que este surge tematizado em determinados filmes, como também a nível de uma associação mais intrínseca que tem a ver com o facto de o cinema ser, como declarou Jacques Derrida, "o simulacro absoluto da sobrevivência absoluta" (Derrida, 2001) e, por conseguinte, expressão privilegiada dos fantasmas da memória, inclusive daqueles de que nunca se regressa.

³⁰ Também a propósito, como sugestão de leitura e análise complementares, aconselhar-se-á a leitura do conto de José Rodrigues Miguéis, "Regresso à Cúpula da Pena" (in *Léah e outras Histórias*) (Rodrigues, 1958).

Isto já para não falar mais concretamente do cinema exílico sobre o qual se debruçou Hamid Naficy em *Home, Exile, Homeland, Film, Media, and the Politics of Place* (Naficy, 1999: 125-147), e que pelas suas características “alternativas” e “críticas”, é também um cinema “menor”, num sentido paralelo àquele que Deleuze e Guattari deram à “littérature mineure”(Deleuze/Guattari, 1984).

Aulas nº 12 e 13:

QUE EXÍLIO(S) NUM MUNDO DE FRONTEIRAS PERMEÁVEIS? QUESTÕES E PERCURSOS EM ABERTO

➤ *Condições pós-coloniais e discursos de pós-modernidade: exílios, migrações e nomadismos*

Relembrando alguns dos contextos históricos evocados numa das aulas dos “enquadramentos”, começaremos por nos perguntar sobre o(s) o sentido(s) do exílio no mundo actual, isto é, no tempo-espço do fim dos impérios coloniais, dos fluxos migratórios derivados do capitalismo mundial, das altas tecnologias mediáticas e do ciberespaço, que vieram genericamente questionar o sentido da distância, da(s) fronteira(s), das comunidades, dos Estado-Nação, dando origem a novas diásporas (Appadurai,1996) e a novas subjectividades (Kaplan, 2005:142), a que não são alheias uma “universalidade do desenraizamento” e uma “privatização da estranheza” (Bauman, 1991).

No entanto, e a despeito da apregoada “aldeia global” que, em teoria, permite uma rede permanente de contactos entre diferentes territórios tanto geográficos como culturais, estamos longe de poder falar, por um lado, do fim do exílio enquanto condição existencial, e por outro, de poder considerá-lo como uma simples metáfora pós-moderna da desterritorialização, da disjunção e da aceleração provocadas pelas

novas tecnologias. Com efeito, ao longo das últimas décadas, aumentou para quase 200 milhões o número de pessoas que vivem em migração, dos quais cerca de 40 milhões são deslocados involuntários e mais de metade refugiados (De Wenden, 2005). O número de clandestinos, de imigrantes ilegais e de repatriados que todos os anos, sobretudo no chamado Primeiro Mundo, enchem páginas de jornal e relatórios oficiais, também obrigam a relativizar o sentido mais voluntarista da abertura ou dissolução de fronteiras, estando essas situações na base daquelas que a já se chamaram a(s) “viagem(s) ao contrário/ do avesso” (“voyage à l’envers”), por oposição às viagens da Europa para resto do mundo ou “viagem(s) ao lugar/do direito” (“voyage à l’endroit”) (Fonkoua, 1999)³¹.

Entretanto, figura-se inevitável considerar que as experiências exílicas no mundo actual transbordam com frequência de parâmetros como território, ou de acções como fuga ou expulsão. A complexidade da geografia económica e sociopolítica actual permite, por exemplo, que haja muitos indivíduos a sentirem-se exilados de uma pátria, de uma *homeland* ou *heimat* que nunca conheceram ou de uma língua que nunca falaram, como acontece com os *beurs*, os *blacks* e outros descendentes das emigrações ou da diáspora – um fenómeno de que vão dando conta algumas criações artísticas emergentes (literárias ou outras). Há mesmo quem chame “pós-exílio” a essa situação dos descendentes de exilados, e veja nele sinal de uma nova história do exílio, no contexto do qual um indivíduo da diáspora ou que nasceu num país diferente daquele onde nasceram os seus pais, estabelece uma relação complexa com a sua identidade migratória, com a sua memória deslocada, pois é como se herdasse a tensão e a ansiedade sem o país ou território para que elas remetem. Questionadas nalguns dos seus princípios de “comunidades imaginárias” (Benedict Andresen), como sejam os de “comunidades limitadas e soberanas”, as nações passam a viver sob um paradigma diaspórico e uma discronotopia (Peeren, 2007:75) que minam não só a ideia de homogeneidade e de indivisibilidade, mas também se distanciam da noção de pátria única e do mito do retorno que haviam alimentado, como vimos, outros exílios inscritos ainda num paradigma moderno. Mais ainda, e como salientou James Clifford

³¹ Reconhecer-se-á aqui, naturalmente, uma metáfora equivalente àquela utilizada por Salman Rushdie (“the Empire writes back to the Center”), entretanto celebrizada pelo decisivo estudo sobre Literatura pós-colonial (sobretudo no âmbito anglo-saxónico): *The Empire Writes Back* (Ashcroft et alii, 1989).

(2002), lembrando Auerbach, a partir de finais do século XX já é impossível conceber um exílio de “distanciamento cultural e sem contaminação cultural”, como aquele de que usufruiu o autor de *Mimesis* em Istambul, no final da Segunda Guerra.

Na medida em que todas as versões de «pós-modernidade» assentam quer na recusa das grandes narrativas, das práticas e representações hegemónicas, quer no questionar de noções como «fronteira», «centro» ou «pertença», assiste-se a uma ênfase de noções como fluidez, pluralismo, diferença e descentramento que tornam afins tanto as teorizações do “pós-moderno” e do “pós-colonial” como alguma crítica em torno do exílio. Nesse sentido, será com os estudantes explorado o contributo conceptual de alguns autores pós-estruturalistas e seminais como Jacques Derrida (“différance”), Gilles Deleuze e Félix Guattari (“rizoma”), Homi Bhabha (“hibridez” e “ambivalência”), Stuart Hall (“posições de identificação hifenizada”) e Arjun Appadurai (entre outros) (“desterritorialização”), para quem o exílio, a migração, o nomadismo e a diáspora se tornaram figuras centrais, representando linhas de fuga que se opõem tanto a dicotomias estanques como a forças institucionais.

Os novos contextos históricos e a evolução do pensamento crítico em diferentes áreas, que vão da Sociologia e da Ciência Política aos Estudos Culturais e aos Estudos Literários ou Artísticos, têm assim realçado uma postura nomádica definida pela mobilidade constante, e não apenas por uma relação entre as origens (a terra-mãe) e o estrangeiro, que tradicionalmente confinava o sentido do exílio.

Tendo em conta o nosso ângulo literário de perspectiva, interessar-nos-á, naturalmente, chamar sobretudo a atenção para algumas estratégias narrativas pós-modernas, próprias de “pós-modernismos liminais” (D’Haen/Bertens, 1994) que, dando voz e corpo àqueles a quem podemos chamar “os novos nómadas” (Acimen, 1999), através da enunciação fragmentada, da intertextualidade heteróclita, da descontinuidade narrativa, da demanda identitária, da mistura de géneros e de discursos ou ainda do recurso a efeitos de paródia, materializam a intersecção de contextos históricos pós-coloniais e de mundividências híbridas. Para tanto, comentar-

se-ão segundo os tópicos referidos algumas passagens de *Fronteiras Perdidas* (1998), de José Eduardo Agualusa, e de *Os Papéis do Inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho (2000).

➤ **Novos cosmopolitismos**

Se é verdade que a possibilidade de deslocação e de permanência nas grandes metrópoles já não é apenas privilégio dalguns, também é certo que as sociedades modernas e pós-coloniais desenvolveram novos géneros de cosmopolitismo, bem distantes do ideal iluminista e das elites intelectuais e artísticas que, através das suas deslocações e do seu espírito de abertura a novos horizontes, marcaram o Ocidente oitocentista e das primeiras décadas do século XX. Sobretudo a partir da segunda metade do século XX, irá intensificar-se não só aquele a que já se chamou um cosmopolitismo do pobre (Santiago: 2004), como também um “cosmopolitismo de mercado”, intimamente associado a um “localismo” exótico para consumo global das massas e ainda um “cosmopolitismo vernáculo”, dos migrantes e das minorias, que Homi Bhabha se tem esforçado por ver reconhecido num cronotopo inclusivo da sua “DissemiNação”(Bhabha: 2007). Dever-se-á, antes de mais, notar que esse paradigma da migrância acolhe experiências bem distintas: desde sujeitos em trânsito socio-culturalmente privilegiados a outros com claras limitações, de que se tem ocupado a ficção de alguns conhecidos autores contemporâneos, tais como Salmon Rushdie, V.S. Naipaul, Tahar Ben Jelloun ou Santiago Gamboa.

Neste quadro de múltiplas mobilidades e de novos exílios, interessar-nos-á discutir o espaço intersticial (“in-between”) no pensamento crítico de Homi Bhabha (1994) enquanto “terceiro espaço de enunciação” que, problematizando a dicotomia dentro/fora, ajuda a conceptualizar algumas categorias e/ou metáforas operantes a nível das teoria culturais, como são o caso de “migrância” (vd. Chambers, 1994), “liminaridade” e “hibridez”. Tais conceitos/metáforas (por vezes acusados de obscurecer a especificidade das experiências históricas), não deixam de se revelar pertinentes para a caracterização tanto da complexidade das fronteiras culturais e

políticas na actualidade, quanto da ambivalência e da metaforicidade de algumas experiências exílicas e, em geral, da própria existência humana, nas suas variadas formas de resistência às hegemonias.

Facilmente se concluirá que, no quadro dos novos cosmopolitismos, o migrante representa para a teoria literária pós-colonial o papel central que a figura do viajante boémio representou para os românticos ou o exílio urbano para os modernistas. Em todo o caso, importará discutir com os estudantes os perigos de distorção, provocados por “tentações” holísticas bipolarizadoras: por um lado, a sobreesteticização da experiência migratória ou exílica associando-as, de uma forma mais ou menos automática e tendencialmente universalizante, a um ideal multicultural, subestimando determinados aspectos que se prendem com discriminações de que são vítimas alguns migrantes enquanto minorias “subalternas” (Gayatri C. Spivak); por outro lado, uma certa tendência neopositivista, indisfarçadamente cínica, que, por norma, nega ao migrante/exilado qualquer capacidade de intervenção (agency) nos processos de mudança cultural (Durrant e Lord, 2007: 14).

Perguntar-nos-emos se esse tipo de bipolarização não poderá ser ainda um avatar dos pólos disfórico e eufórico que, como se viu no início, tenderam sempre a estruturar e a classificar a experiência do exílio.

➤ ***Errâncias e ética da alteridade***

Existe toda uma vertente na literatura contemporânea que, longe de conceber a errância como sinal de desintegração e de dissolução do “eu”, a promove como fonte de regeneração e de libertação, através da apologia de um desenraizamento a um tempo físico e espiritual, tal como o fizeram, no passado, André Gide em *Les Nourritures Terrestres* (1897), ou, mais recentemente, outros autores como Bruce Chatwin (cf. *Anatomy of Restlessness*, 1997), Kenneth White (cf. *L’Esprit Nomade*, 1987) ou Jean-Marie Le Clézio (cf. *Le Livre des Fuites*, 1969).

Esta valorização contemporânea de « exiliógrafos e de exiliófilos » (in Suleiman, 1998 : 101) que, registre-se, concebe a errância ou o exílio no quadro de uma opção e não de uma obrigação, insere-se na demanda de um «ethos da alteridade », protagonizada por aqueles que buscam, inquirem, vivem em permanente transformação, alterização e deslocação, processo a que outros chamam simplesmente « errância», distinguindo-a até de « exílio ». Assim acontece com o escritor e ensaísta martiniquês Edouard Glissant, que tem desenvolvido uma extensa reflexão sobre uma « Poética da Relação » à escala do mundo plural das culturas, muito marcada no início pelo conceito deleuziano de rizoma, e para quem o imaginário da errância, enquanto estágio relacional e dialético da busca da totalidade « no contexto não universal das histórias do Ocidente» (Glissant, 1990 : 30), apresenta a vantagem de incluir a partilha, ao contrário das experiências dos exílios que, segundo ele, são incomunicáveis (*ibidem* :32). Mais ainda: a errância, ao resgatar o pensamento e a identidade da noção de raiz³², substituindo assim « roots » por « routes » (Clifford, 1997), supera também a intransigência linguística do monolinguismo que tendeu a condenar o exilado à impossibilidade de comunicar na sua própria língua (*ibidem* :27). Através da reflexão glissantiana que exponencia uma perspectiva pós-colonial empenhada na emergência do *lugar* (pela defesa da sua opacidade e densidade), seja o exílio, seja a errância são concebidos para lá da mobilidade física, e apontam sobretudo para as potencialidades de uma topografia psíquica de mediação e cruzamento entre culturas, ao ponto de se falar de um «mundo creolizado» (Glissant, Clifford), onde todos estão de passagem, mas sem pátria ou lugar natal onde regressar, por muito que a sua nostalgia possa resistir.

Explorados alguns dos nexos entre errância, migrância, desterritorialização e reterritorialização, como algumas das metáforas mais produtivas do pensamento e da vida cultural contemporâneas, importará realçar a sua ligação a todo um « ethos», ou modo de habitar o mundo, que, ao invés do confronto de pares identitários absolutos como exilado ou estrangeiro/autóctone, ou de qualquer outra forma de identidade

³² Ao contrário, note-se, do que sentiram e formularam gerações anteriores, como a de Simone Weil. Ela própria exaltou o “enraizamento”, tendo-lhe dedicado aliás todo um ensaio (*L'Enracinement. Prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain*, 1949), onde defendia que a necessidade mais importante e menos reconhecida da alma humana era ter raízes, sentir-se pertença de um espaço/comunidade determinados.

essencialista, promove uma busca ininterrupta de novas identidades e de novos conhecimentos, encarados não como forma de confirmação do sujeito e da mesmidade, mas como abertura ao(s) outro(s) e à diferença intrínseca da ipseidade.

É exactamente por causa da alteridade decorrente de uma deslocação física (mas não só) que continua a impôr-se o imaginário literário do exílio, entendido também como trabalho de profundidade próprio de uma terceira dimensão para que abre o movimento da escrita.

AULAS Nº 14 E 15:

CONFIGURAÇÕES EXÍLICAS E QUESTIONAMENTOS IDENTITÁRIOS

➤ *Olhares recentes de compromisso textual sobre um mundo instável*

As últimas duas aulas do semestre serão dedicadas à exploração do modo como algumas obras, debruçando-se sobre situações de exílio no mundo actual, assumem a literatura como memória textual e como configuração antropológica de identidades híbridas ou em devir, abrindo-se desse modo ao debate sobre o(s) sentido(s) da condição humana em tempo de novos cosmopolitismos.

O conteúdo da primeira dessas aulas faz parte da “Lição” que apresento no âmbito das Provas a que se destina este relatório.

Na aula seguinte, além de se esclarecer ou complementar alguns aspectos relacionados com as obras anteriormente analisadas ou com outros textos que tenham a ver com as investigações que os estudantes estarão a levar a cabo para efeitos do trabalho final para este seminário, proceder-se-á a uma síntese colectiva das grandes linhas de representação literária do fenómeno exílico que foram exploradas ao longo

do semestre, de modo a destacar o seu contributo para uma poética transversal do exílio, constituída quer por algumas constantes arquetípicas (deslocamentos, ruptura e tensão, cronótopo ambivalente, interrogações existenciais), quer pela permeabilidade a diferentes contextos históricos e literários, umas e outros traçando a complexidade da relação do Homem com os parâmetros axiais da sua humanidade em processo e à medida da respectiva construção discursiva e simbólica.

IV. REFLEXÕES FINAIS

Estabelecido um *corpus* de estudo e um percurso de análise não apenas histórico, mas também e sobretudo hermenêutico, cumpre-me neste momento de balanço final reconhecer e assumir novamente a arbitrariedade e os limites tanto nas escolhas como nos ângulos de abordagem. Com a mesma problemática da representação do exílio, as escolhas e os “timings” previstos poderiam ser outros. Aliás, virão por certo a ser ajustados em função da sua própria “mise en pratique”, pois existe naturalmente uma diferença substancial entre um programa já testado e outro que acaba de ser idealizado ou implementado. Mas, a este propósito, permito-me recordar aquilo para que já apontava no momento da fundamentação: os desafios que se colocam hoje ao docente universitário e à Universidade não se coadunam mais com práticas rotineiras de programas estáticos ou longamente repetidos. Julgo, por conseguinte, que as capacidades científico-pedagógicas do docente têm estar à prova da actualização e da adaptação constantes dos conhecimentos a novos projectos de transmissão e de potencialização de saberes, pensados para o contexto de formação universitária no século XXI.

Dito isto, estou consciente que a prática, deste como de qualquer outro programa, representa sempre um “work in progress”, implicando por conseguinte sucessivos ajustes, inclusivamente em função da interacção com cada grupo concreto de estudantes. Entendo isso não como prova de instabilidade dos objectivos ou de fragilidade dos conteúdos, mas antes como um processo de natural porosidade à “comunidade interpretativa” que a dinâmica da unidade curricular deve representar e desenvolver, e cujas consequências o docente deverá ponderar tendo em vista as referidas actualizações.

Independentemente de outras mudanças pontuais, posso adiantar que a problemática da representação do exílio que enforma este programa deverá ser equacionada, em edição futura, a partir da análise de poesia e de outras formas artísticas. Se bem que continue a analisar alguns dos tópicos aqui apresentados, esses diferentes enfoques exigirão o exame de algumas questões específicas como, por exemplo, a articulação da figura do poeta (nomeadamente do poeta moderno) com a

condição de exilado, ou a ligação do cinema tanto à História dos exílios no século XX (vd. Bessière, 2007), como à provocação de experiência(s) de exílio no espectador, na medida em que o cinema, como nova arte da narrativa, estabelece “regimes de intensidade sensível” que, como salienta Jacques Rancière, “introduzem nos corpos colectivos imaginários, linhas de fractura, de desincorporação” (Rancière, 2000: 63).

Em qualquer dos casos, julgo que será fundamental manter os mesmos objectivos a estruturar um percurso argumentativo de exposição e análise hermenêutica, que procura equacionar tópicos de análise transversais a obras e saberes; suscitar a busca e aprofundamento de conhecimentos; treinar um pensamento rizomático a partir da leitura de textos literários e, finalmente, levantar questões ou pistas de reflexão satélites da problemática do exílio que possam, por sua vez, desencadear mais projectos individuais (ou colectivos) de investigação.

Não só pelo exercício (auto)reflexivo a que me obrigou o trabalho de idealização deste programa, mas também pela minha experiência lectiva, não posso deixar de remeter para algumas das apreensões em relação às condições de ensino-aprendizagem no actual ensino universitário, a que já aludi no início deste relatório, e muito especificamente não poderei deixar de me referir ao Curso em que se integra a unidade curricular de que me ocupei, embora naturalmente não caiba aqui fazer dele qualquer avaliação.

No entanto, como julgo ser meu dever levar a cabo uma reflexão que conjugue a minha actividade docente com o contexto curricular em que ela se insere, de modo a daí retirar consequências em termos de desempenho profissional, sempre sublinharei que, independentemente de me parecer desejável que, num futuro próximo, venha a ser diminuído o número de unidades curriculares por semestre e aumentado o número de horas de contacto lectivo para cada uma delas, é fundamental existir (ou continuar a existir) um esforço conjunto e renovado de articulação entre os programas propostos, de modo a que tanto o docente como o estudante tenham oportunidade de fazer interagir conteúdos e pesquisas que contribuirão certamente para a consistência científico-pedagógica do Curso e da sua pragmática formativa. Já que o maior problema com que se confrontam docentes e estudantes, deste como de

qualquer outro Curso no âmbito das Humanidades e, muito particularmente, no domínio da Literatura, é a falta de um tempo de expansão e maturação dos conteúdos, uma estreita articulação de programas parece-me constituir o antídoto possível e imprescindível para a fragilidade ou esvaziamento da formação efectiva num domínio como o ensino da Literatura onde, justamente, a grande dificuldade (e virtude, reconheçamo-lo também) é que “Não se trata apenas de conhecimento, mas de iniciação, através do pensar, a uma dimensão da existência não vinculável a um círculo de competências e teorias.” (Lopes, 2003: 123).

Voltando ao programa aqui exposto, repito que não o dou, nem nunca poderei dá-lo como tarefa encerrada, sob pena da negação do aperfeiçoamento comunicativo, da interrogação epistemológica e do estudo constantes que são absolutamente fundamentais para a prática docente. Ocorrem-me, a propósito, as palavras de um ilustre pedagogo de Literatura que, a despeito da sua já vasta experiência, ou exactamente por causa dela, apelava, há mais de trinta anos atrás, ao exercício de uma permanente auto-revisão:

“A cada passo, com sã humildade, perguntaremos a nós próprios se o que estamos a fazer vale a pena, ou *ainda* vale a pena, ou devia ser feito de outra maneira. Poremos em causa as supostas *evidências* que, alguns anos atrás, nem sequer mereciam discussão.” (Coelho, 1976:50)

Mais do que um plural majestático, emergia aqui o reconhecimento de uma condição geral, inquieta e inquiridora, na qual continuo a reconhecer-me e que, por isso mesmo, engloba e compromete a minha própria actividade docente.

V. BIBLIOGRAFIA CITADA NO RELATÓRIO

ACIMAN, André Aciman (ed.) (1999) - *Letters of Transit. Reflections on Exile, Identity, Language, and Loss*, New York, the New York Press.

AGAMBEN, Giorgio (1996) – «Política del exílio», in *Archipiélago. Cuadernos de Crítica de la Cultura*, trad. de Dante Bernardi, Barcelona, nºs 26-27, pp. 41-52.

----- (1997) - *Homo Sacer. Le pouvoir souverain et la vie nue*, Paris, Seuil.

----- (1999) - *Ce qui reste d'Auschwitz*. Traduit de l'italien par Pierre Alferi, Paris, Éditions Payot&Rivages.

AGUALUSA, José Eduardo (1998) - *Fronteiras Perdidas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

ALEGRE, Manuel (2003) - *Rafael*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

ALIGHIERI, Dante (1995) - *A Divina Comédia*, Tradução de Vasco Graça Moura, Lisboa, Bertrand.

APPADURAI, Arjun (1996) – *Modernity at Large – Cultural Dimensions of Globalization* [ed. ut- *Dimensões Culturais da Globalização*. Tradução de Telma Costa. Lisboa, Teorema, 2004].

APTER, Emily (1995) - “Comparative Exile. Competing Margins in the History of Comparative Literature”, *Comparative Literature in the Age of Multiculturalism*, Edited by Charles Bernheimer, The John Hopkins University Press, pp. 86-96.

ASHCROFT, Bill et alii (1989) - *The Empire writes back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, London and New York, Routledge.

BAKTHINE, MIKHAIL (1984) – *Esthétique de la création verbale*, Paris, Gallimard.

BENJAMIN, Walter (1992) – *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Traduções de Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto, Lisboa, Relógio d'Água.

----- (2004) - *Imagens do Pensamento*, edição e tradução de João Barrento, Lisboa, Assírio & Alvim.

BAMMER, Angelika (ed.)(1994) - *Displacements. Cultural Identities in Question*, Bloomington and Indianapolis, Indiana University Press.

BAUMAN, Zygmunt (1991) – *Modernity and Ambivalence* [ed. ut. *Modernidade e Ambivalência*, Lisboa, Relógio d'Água, 2007].

BESSIÈRE, Irène (dir.) (2007) – *Hollywood. Les fictions de l'exil*. Paris, Nouveau Monde éditions.

BESSIÈRE, Jean/ KARÁTSÓN, André (1982), *Déracinement et Littérature*, Presses de L'Université de Lille.

BESSIÈRE, Jean / MAÁR, Judit (dir.)(2005) - *Littérature, Fiction, Témoignage, Vérité*, Paris, L'Harmattan.

BHABHA, Homi K. (1994) - *The Location of Culture*, London and New York, Routledge.

----- (2007) – « Ética e Estética do Globalismo : Uma Perspectiva Pós-Colonial », *A Urgência da Teoria*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Tinta da China, pp. 21-44.

Bíblia Sagrada (2002) - Lisboa, Difusora Bíblica, 4ªed.

BLANCHOT, MAURICE (1988) - *L'espace littéraire*, Paris, Folio/Gallimard.

BOYM, Svetlana (2001) – *The Future of Nostalgia*, New York, Basic Books.

BREMOND, Claude (1993) - "Concept and Theme" in *The Return of Thematic Criticism*, Edited by Werner Sollors, Harvard University Press, pp. 46-59.

BRODSKY, Joseph (1988) – «The Condition We Call Exile» [ed. Ut. "La condizione che chiamiamo esilio in Iosf Broskij, *Dall'esilio*, Milano, Adelphi Edizione, pp. 13-36].

BUESCU, Helena Carvalhão (1998) – *Em Busca do Autor Perdido. Histórias, Concepções, Teorias*, Lisboa, Edições Cosmos.

BUESCU, Helena Carvalhão (1999) – "Ensinar Literatura: reflexões e uma proposta de programa", *Ensino da literatura. Reflexões e propostas a Contracorrente*, Org. de Maria Isabel Rocheta e Margarida Braga Neves, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 71-80.

BUESCU, Helena Carvalhão (2001) - *Grande Angular. Comparatismo e Práticas de Comparação*, Lisboa, FCG-FCT.

BUTOR, Michel (1974) – "Le voyage et l'écriture", *Répertoires IV*, Paris, Minuit, pp. 9-29.

CARVALHO, Ruy Duarte de (2000) – *Os Papéis do Inglês*, Lisboa, Cotovia.

CERTEAU, Michel (1993) - *La Culture au Pluriel*, Éditions du Seuil, «Points».

CHAMBERS, Iain (1994) – *Migrancy, Culture, Identity*, London, Routledge.

CHATWIN, Bruce (1997) - *Anatomy of Restlessness*, London and New York, Penguin Books.

CLIFFORD, James (1997) - *Routes: Translation and Travel in the Late Twentieth Century*, Cambridge, MA, Harvard University Press.

----- (2002) - "Post/Neo Colonial Situations: Notes on Historical Realism Today" in *Act 6: Literatura e Viagens Pós-Coloniais*. Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 9-33.

CITTON, Yves (2007) - *Lire, interpréter, actualiser. Pourquoi les études littéraires?*, Paris, Éditions d'Amsterdam.

COELHO, Jacinto do Prado (1976) - *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Bertrand.

CORDEIRO, Cristina Robalo (2000) - "Enseigner la littérature à l'université, ou comment changer en restant soi-même", *O Ensino das Humanidades na Universidade*, Org. Eunice Cabral et alii, Lisboa, Ulmeiro, pp. 36-46.

COWLEY, Malcolm (1934) - *Exile's Return. A Literary Odyssey of the 1920s* [ed.ut. Penguin Books, 1994].

CRESPO, Vítor (2003) - *Ganhar Bolonha, Ganhar o Futuro. O Ensino Superior no Espaço Europeu*, Lisboa, Gradiva.

In CROSIER/PURSER/SMIDT (2006) - *Trends V: Universities shaping the European Higher Education Area*, European University Association [consultado in http://www.mctes.pt/archive/doc/EUA_Final_Trends_Report_May_10.pdf].

DAMROSCH, David (2003) - *What is World Literature?*, Princeton and Oxford, Princeton University Press.

DE WENDEN, Catherine Wihtol (2005) - *Atlas des migrations dans le monde. Réfugiés ou migrants volontaires*, éditions Autrement.

D'HAEN, Theo/BERTENS, Haens (ed.) (1994) - *Liminal Postmodernisms: The Post-Modern, The (Post-)Colonial and the (Post-)Feminist*, Amsterdam, New York, Rodopi.

DELEUZE, Gilles/ Guattari, Félix (1980) - *Mille Plateaux*, Paris, Minuit.

----- (1984) - *Kafka: pour une littérature mineure*, Paris, Minuit.

DERRIDA, Jacques (2001) - *L'Université sans condition*, Paris, Galilée.

DERRIDA, Jacques (2001) - "Le cinéma et ses fantômes", *Cahiers du Cinéma*, 556, Paris, Avril, pp. 75-85.

DUBOIS, Claude-Gilbert (2009) – “L’exil et l’exode”, in SABBAB, Danièle, *Écritures de l’exil*, Presses Universitaires de Bordeaux, pp. 17-37.

DUFRENOIS, Huguette/ MIQUEL, Christian (1996) - *La Philosophie de l’Exil*, Paris, L’Harmattan.

EAGLETON, Terry (1970) - *Exiles and Emigrés: Studies in Modern Literature*, New York, Schocken Books.

ELIADE, Mircea (1987) – *Le Sacré et le Profane*, Paris, Folio/Gallimard.

----- (1989) - *Le Mythe de l’Éternel Retour*, Paris, Folio/Gallimard.

EVELEIN, Johannes F. (ed) (2009) - *Exiles Traveling. Exploring Displacement, Crossing Boundaries in German Exile Arts and Writings 1933-1945*, Amsterdam-New York, Rodopi.

FAUST, DREW President (2007) - “Installation address: Unleashing our most ambitious imaginings” [consultado em 20 de Maio de 2009 in http://www.president.harvard.edu/speeches/faust/071012_installation.php].

FONKOUA, Romuald-Blaise (1999) - “L’espace du «voyageur à l’envers»”, *Littératures postcoloniales et représentations de l’ailleurs*, Textes réunis par Jean Bessière et Jean-Marc Moura, Paris, Honoré Champion, pp. 99-124.

FORSICK, Charles (ed) (2001) – *Travel and Exile Postcolonial Perspectives*, Association for the Study of Caribbean and African Literature in French.

FREUD, Sigmund (1985) - “L’inquiétante étrangeté”, *L’inquiétante étrangeté et autres essais*, Paris, Gallimard, Folio, 1985.

GAERTNER, Jan Félix (Ed.) (2007) – *Writing Exile: The Discourse of Displacement in Greco-Roman Antiquity and Beyond*, Leiden, Brill.

GASPARINI, Philippe (2004) - *Est-il je? Roman autobiographique et autofiction*, Paris, Seuil.

GENETTE, Gérard (1991) - *Fiction et Diction*, Paris, Seuil.

----- (2002) – *Seuils*, Paris, Seuil, «Points/essays».

GIOVANNONI, Augustin (dir.) (2006) - *Écritures de l’exil*, Paris, L’Harmattan.

GLISSANT, Édouard (1990) - *Poétique de la Relation*, Paris, Gallimard.

GUERREIRO, António (2000) - «O Testemunho Impossível», *Literatura e Pluralidade Cultural*. Actas do 3º Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, Lisboa, Edições Colibri, pp. 213-219.

GUILLÉN, Claudio (1995) - *El sol de los desterrados: literatura y exilio* [ed. ut. *O sol dos Desterrados. Literatura e Exílio*, Tradução de Maria Fernanda Abreu, Lisboa, Teorema].

----- (1998) - *Múltiples moradas*, Barcelona, Tusquets.

GUSMÃO, Manuel (2000) - “Coisas que fazemos com a Literatura”, *O Ensino das Humanidades na Universidade*, Org. Eunice Cabral et alii, Lisboa, Ulmeiro, pp. 7-23.

HALL, Stuart (2006) – *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*, Org. Liv. Sovik, Trad. Adelaide La Guardia Resende et alii, Belo Horizonte, Editora UFMG.

HIRSCH, Marianne (1997) – *Family Frames – Photography, Narrative and Postmemory*, Harvard University Press.

HOMERO (2003) - *Odisseia*, Tradução de Frederico Lourenço, Lisboa, Livros Cotovia.

KAPLAN, Caren (2005) - *Questions of Travel. Postmodern Discourses of Displacement*, Duke University.

KRISTEVA, Julia (1988) - “Toccata et Fugue pour l’Étranger”, *Étrangers à nous-mêmes*, Folio/Gallimard, pp. 9-60.

KUNDERA, Milan (1993) - *Les Testaments Trahis*, Paris, Gallimard.

----- (2003) - *L’ignorance*, Paris, Folio/Gallimard.

LAZARUS, Neil (dir.) (2006) - *Penser le Postcolonial. Une introduction critique*. Traduit de l’anglais par Marianne Groulez, Christophe Jaquet et Hélène Quiniou, Paris, Éditions Amsterdam [2004].

LE CLÉZIO, Jean-Marie (1969) – *Le livre des fuites*, Paris, Gallimard.

LEJEUNE, Philippe (1975) - *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil.

----- (1980) - *Je est un autre. L’autobiographie, de la littérature aux médias*, Paris, Seuil.

----- (1986) - *Moi aussi*, Paris, Seuil.

LEJEUNE, Philippe (2005) - *Signes de Vie. Le pacte autobiographique 2*, Paris, Seuil.

LEVI, Primo (1958) - *Se Questo è un Omo* [ed. ut. *Se Isto é um Homem*, Lisboa, Edições Teorema, 2009.

LEVI, Primo (1963) - *La Tregua*. [ed. ut. *A Trégua*, Tradução de José Colaço Barreiros, Lisboa, Teorema, 2004].

LOPES, Silvina Rodrigues (2003) - *Literatura, Defesa do Atrito*, Lisboa, Edições Vendaval.

LOURENÇO, Eduardo (1993) - *O canto do signo*, Lisboa, Presença.

McCLENNEN, Sophia A. (2004) – *The Dialectics of Exile – Nation , Time, Language, and Space in Hispanic Literatures*, Purdue University Press.

MIGUÉIS, José Rodrigues (1958) – *Léah e outras Histórias*, Lisboa, Estúdios Cor.

MORIN, Edgar (2005) - *Introduction à la pensée complexe*, Éditions du Seuil, «Points».

NAFICY, Hamid (1999) – *Home, Exile, Homeland. Film, Media, and the Politics of Place*, New York and London, Routledge.

NANCY, Jean-Luc (1990) - *La Communauté désœuvrée*, Paris, Christian Bourgeois.

NEUBAUER, John (2009) - « Voices from Exile. A Literature for Europe ? », *Literature for Europe ?*, Edited by Theo D’Haen and Iannis Goerlandt, Amsterdam- New York, Rodopi, pp. 215-233.

NOUSS, Alexis (1998) - « Le récits de l'indicible », *Récit et connaissance*, Presses Universitaires de Lyon, pp. 199-214.

OVÍDIO, *Tristia* [ed.ut. *Tristes*. Texte établie et traduit par Jacques André, Paris, Les Belles Lettres, 1968].

PEEREN, Esther (2007) - “Through the Lens of the Cronotope”, *Diaspora and Memory. Figures of Displacement in Contemporary Literature, Arts and Politics*, Editors Marie-Aude Baronian, Stephan Besser, Yolande Jansen, Amsterdam-New York, pp. 67-75.

PIÑON, Nélida (1997) - *A República dos Sonhos*, Lisboa, Editorial Presença.

PLUTARCO (1980) - *De exilio* [ed. ut « De l’exil » in *Œuvres Morales*, Texte traduit et établi par Jean Hani, Paris, Les Belles Lettres].

RACZYMOW, Henri (1979) - *Contes d’exil et d’oubli*, Paris, Gallimard.

RANCIÈRE, Jacques (2000) - *Le Partage du sensible. Esthétique et politique*, Paris, La Fabrique, 2000.

READINGS, Bill (2003) - *A Universidade em Ruínas*, Tradução Joana Frazão, Coimbra, Angelus Novus.

RICARD, François (2003) - *Le dernier après-midi d'Agnès. Essai sur l'oeuvre de Milan Kundera*, Paris, Gallimard, « Arcades».

RICOEUR, Paul (1983) – *Temps et Récit I*, Paris, Éditions du Seuil.

------(2000) – *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paris, Éditions du Seuil.

------(2004) – *Sur la Traduction*, Paris, Bayard.

ROBIN, Régine (2004) - *Le Deuil de l'Origine. Une langue en trop, la langue en moins*, Paris, Éditions Kimé.

ROSENBAUM, Thane (2006) - "The Audacity of Aesthetics: The Post-Holocaust Novel and the Respect for the Death", *Poetics Today* – "The Humanities of Testimony", Geoffrey Hartman, Guest Editor, vol. 27, nº2, Summer 2006, Duke University Press, pp. 489-495.

SABBAH, Danièle(2009) - *Écritures de l'exil*, Presses Universitaires de Bordeaux.

SAID, Edward (2001) - *Reflections on Exile* [ed. ut. *Reflexiones sobre el exilio. Ensayos literarios y culturales*, Traducción de Ricardo Garcia Pérez, Barcelona, Debate, 2004].

SANTIAGO, Sílvio (2004) - *O cosmopolitismo do pobre. Crítica literária e crítica cultural*, Belo Horizonte, Editora UFMG.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1994)- «Da ideia da universidade à universidade de ideias», *Pela Mão de Alice: o Social e o Político na Pós-Modernidade*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 163-201.

SANTOS, Boaventura de Sousa/FILHO, Naomar de Almeida (2008) - *A Universidade no Século XXI : Para uma Universidade Nova*, Coimbra, Almedina/CES.

SARLO, Beatriz (2007) - *Tempo Passado. Cultura da Memória e Guinada Subjectiva*, trad. Rosa Freire d'Aguiar, São Paulo, Editora UFMG.

SEBALD, W.G. (2001) - *Schwindel.Gefühle* [ed. ut. *Vertigens. Impressões*, Lisboa, Teorema, 2007].

SEIDEL, Michael (1986) - *Exile and the Narrative Imagination*, Yale University Press.

SEIXO, Maria Alzira (2001) - "A Questão Temática: O Tema como Problema em Literatura", *Floresta Encantada. Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Org. de

Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 459-499.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (2003) - “Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento”, *História, Memória, Literatura. O Testemunho na Era das Catástrofes*, Org. de Márcio Seigmann-Silva, Editora Unicamp, pp. 59-89.

----- (2003a) - “O testemunho: entre a ficção e o “real”, *História, Memória, Literatura. O Testemunho na Era das Catástrofes*, *op.cit.*, pp. 375-390.

SEMPRUN, Jorge (1963) - *Le Grand Voyage*, Paris, Gallimard.

----- (1994) - *L’Ecriture ou la vie*, Paris, Gallimard.

SEMPRUN, Jorge/WIESEL, Elie (1995) - *Se Taire est Impossible*, Paris, Éditions Mille e une nuits/Arte Éditions.

SOLLORS, Werner (1993) - *The Return of Thematic Criticism*, Harvard University Press.

STEINER, Georges (1995) - *What is Comparative Literature?* Oxford University Press.

----- (1968) - *Extraterritorial* [ed. Ut. *Extraterritorialité. Essai sur la littérature et la révolution du langage* , trad. Pierre-Emmanuel Dauzat, Paris, Hachette, 2002].

----- (2008) - *My Unwritten Books* [ed. ut. *Os Livros que não Escrevi*, Lisboa, Gradiva, 2008].

STIERLE, Karlheinz (1979) - « Que significa a recepção de textos ficcionais », *A literatura e o leitor. Textos de estética de recepção*. Coordenação e tradução de Luís Costa Lima. Rio de Janeiro, Paz e Terra, pp. 183-187.

SULEIMAN, Susan Rubin (ed.) (1996) - *Exile and Creativity*, Durham and London, Duke University Press.

TODOROV, Tzvetan (2004) - *Les Abus de la Mémoire*, Paris, Arléa.

TOMLINSON, John (1999) – *Globalization and Culture*, Cambridge, Polity Press.

WEIL, Simone (1949) – *L’enracinement*, Paris, Gallimard, “Folio/Essais”.

WHITE, Kenneth (1987) - *L’Esprit Nomade*, Paris, Grasset.

ZAMBRANO, María (1986) - *Senderos. Los intelectuales en el drama de España. La tumba de Antígona*, Madrid.